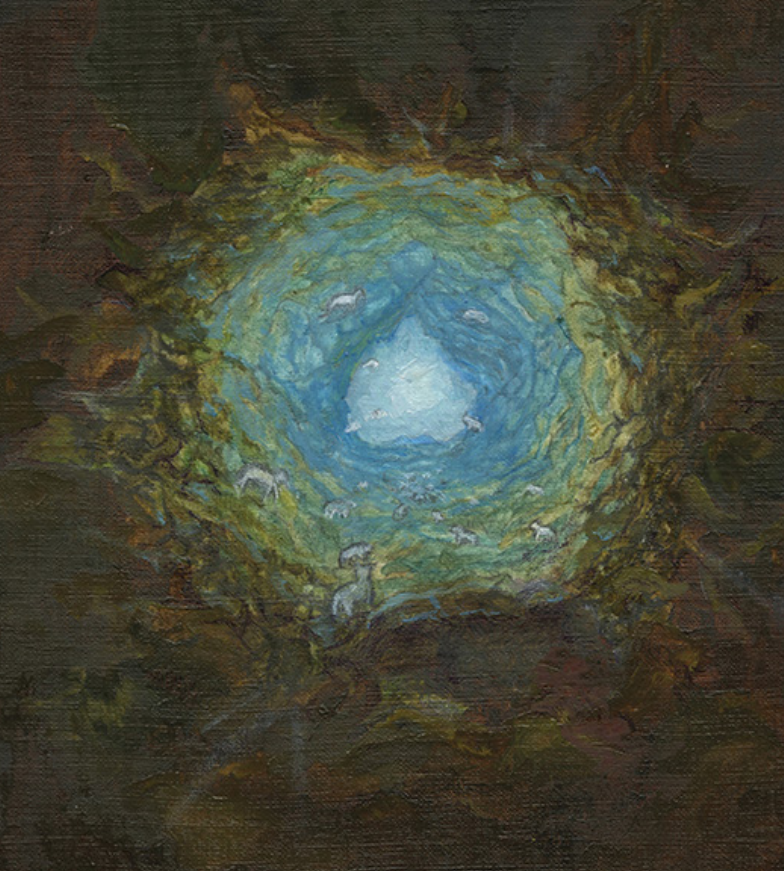


O INSENSATO ESFORÇO
DE DURAR



O INSENSATO ESFORÇO DE DURAR
COLECTÂNEA DE CONTOS DE AUTORES PORTUGUESES

Organização e introdução de Diogo Fernandes

Antítese

Título: O insensato esforço de durar
Imagem de capa: Rui Melo
Capa: Diogo Fernandes
Paginação: Gonçalo Rodrigues
Revisão: Antítese Editores
Composição e impressão: Europress
ISBN: 978-989-99737-2-5
Depósito legal:

© Antítese Editores, Abril de 2017

antitese.pt

ÍNDICE

BREVES FORMAS INSUSPEITAS	9
Diogo Fernandes	
BETÃO	15
Diogo Paiva	
ROSA A JUDAS	31
Catarina Rosa Serra	
TRÊS MULHERES	39
Diogo Fernandes	
NÃO PROPRIAMENTE VIVO	55
Manuel Damas	
UM PONTO DEITADO SOBRE O INFINITO	75
Gonçalo Losada Rodrigues	
CINZEIRO	91
André Marques	
O PÉ OBSCURO	101
Margarida Serralheiro	
AMOR PENDULAR	115
Fábio Silva	

*Este passo, que é único e um só, damo-
-lo como se fosse uma insignificância.*

Raúl Brandão, *Húmus*

BREVES FORMAS INSUSPEITAS

É sob o título *O Insensato Esforço de Durar* que se publica a presente colectânea, reunindo contos de origens bastante diversas. Qualquer texto ou conjunto de textos literários constitui, em si mesmo, um exercício de duração, que se manifesta de forma dúplice. A primeira, de natureza fenomenológica, sobrevém do momento da sua leitura e refere-se ao intervalo em que existe enquanto realidade que se desdobra e se interpõe a qualquer outra, correspondendo às *virtudes da imaginação* do leitor. A segunda, não menos sugestiva, deriva da sua capacidade de durar na memória do leitor — seja a do leitor comum como a da crítica literária, que o procura ler sob uma outra perspectiva, ou mesmo através de movimentos intertextuais que contribuam para a ampliação do seu universo de significação —, por um período de tempo mais ou menos acentuado. O conto, pela sua brevidade, conjuga estes dois factores de um modo invulgar, sobretudo se considerarmos formas mais extensas em prosa, como o romance, cuja génese não prevê certo tipo de limitações físicas.

Numa das suas conferências, Julio Cortázar salientava as consequências que o conto retira da sua extensão, dizendo que o mesmo, em primeira instância, parte de uma concepção física de limite¹ — sabendo que não pode proceder acumulativamente; a noção aqui enunciada por Cortázar implica, além de um limite físico, um limite narrativo: há apenas um determinado número de elementos que se podem narrar ou incorporar num texto que se pretende breve. O tempo e o espaço no conto submetem-se, desse modo, a um processo de condensação narrativa; atitude que encontra, aliás, uma posição análoga na postura concisa do pasteleiro, no conto de Raymond Carver, em relação a uma senhora que se dispersava em pormenores frívolos enquanto encomendava um bolo para o seu filho: «O bolo estaria pronto na segunda de manhã, bastante a tempo da festa, segunda à tarde. Foi tudo o que o pasteleiro se limitou a dizer. Nada de gracejos, apenas uma troca mínima de palavras, nada que não fosse necessário».²

De facto, parece haver no conto uma renúncia tácita à dispersão, uma resistência à inclusão de detalhes desnecessários; já Edgar Allan Poe tinha apontado para a íntima ligação que existe entre os elementos que compõem o conto, aludindo a uma concepção de unidade textual que designa por «unidade de impressão ou efeito», conceito que se traduz, por sua vez, numa unidade de acção, onde todos os elementos de um conto devem convergir para um mesmo fim.³ Borges, recordando determinadas enunciações circulares, acreditava que no início de um conto deveria estar contido o seu desfecho; Tchekhov,

1 Cortázar, Julio. «Algunos aspectos del cuento» in *Casa de las Américas*

2 Carver, Raymond. «O Banho» in *De que falamos quando falamos de amor*

3 É, no entanto, importante distinguir ‘unidade de acção’ de ‘acção unitária’, como não o fez Masssaud Moisés: «[o conto] Trata-se, pois, de uma narrativa unívoca, univalente. Constitui uma unidade dramática, uma *célula dramática*. Portanto, gravita em torno de um só conflito, um só drama, uma só acção: *unidade de acção*» (Cf. Moisés, Massaud. *A Criação Literária*).

mais pragmático, afirmava que se alguém introduzir uma arma no princípio de uma história ela devia ser disparada antes do fim.

A crítica literária encontrou em Allan H. Pasco, professor universitário norte-americano — recordando o escritor norte-americano Edgar Allan Poe —, uma advertência em relação às implicações que a brevidade de um conto pressupõe nos mecanismos utilizados e no efeito alcançado; foi, no entanto, Charles E. May, através de uma abordagem epistemológica, quem procurou relacionar o tipo de experiência que é reflectida no conto com a sua duração — talvez a sua formulação seja a mais satisfatória: «o conto é breve precisamente por causa do tipo de experiência ou realidade que incorpora. E o tipo de experiência que encontramos no conto reflecte uma forma de conhecimento que difere da forma de conhecimento que encontramos no romance. A minha tese é que a ficção longa, devido à sua extensão, exige tanto um assunto como um conjunto de convenções que, em primeiro lugar, derivem de e por sua vez estabeleçam a primazia da ‘experiência’ conceptualmente criada e considerada; a ficção breve, devido à sua extensão, exige tanto um assunto como um conjunto de convenções artísticas que derivem de e estabeleçam a primazia de ‘uma experiência’ directa e emocionalmente criada e resolvida».⁴

De qualquer modo, talvez possamos encontrar, na abrangência de uma perspectiva menos formal, a versatilidade que procuramos para sustentar a nossa posição: «o conto é uma operação que se realiza sobre a duração, é um sortilégio que actua sobre o passar do tempo, contraindo-o ou dilatando-o».⁵ Nesse aspecto, o título sob o qual é publicada esta colectânea alude, portanto, a uma dupla *provocação*, assente numa questão ontológica, relativa ao próprio género em que estes textos se inserem, como na resolução de durar na memória dos leitores;

4 May, Charles E. «The Nature of Knowledge in Short Fiction» in *The New Short Story Theories*

5 Calvino, Italo. *Seis Propostas para um novo milénio*

terão, não obstante, a vantagem e a qualidade de não se deixar constringir pelo real ou de evitar a pretensão de uma marginalidade pouco significativa.

«Não propriamente vivo», o quarto conto desta colectânea, concentra com incomparável inquietação todos os pensamentos furiosamente obsessivos, frustrações e fracassos que constituem a existência humana no acto — à partida insuspeito — de uma personagem ir à farmácia comprar medicamentos para a filha. Alguns leitores menos desconfiados poderão encontrar semelhanças, não a nível estilístico, em «Rosa a Judas», que contrai, num gesto ao mesmo tempo contemplativo e cauterizante, a memória de uma personagem em relação à sua mãe e as consequências que essa herança materna provoca na sua identidade e na sua ligação com as palavras. O seu desfecho, imperscrutável, parece sugerir um movimento de aceitação ou de distanciamento. «Três Mulheres» apresenta, em três narrativas que se confundem, a relação de um protagonista com várias personagens femininas e tenta demonstrar, a breves espaços, a sua incapacidade de amar; a artificialidade com que foram compostas parece evidenciar que algo está ausente ou deslocado. «Cinzeiro» dilui, no espaço de três meses, a experiência de uma personagem que, ao mudar-se para uma cidade, não só começa a descobri-la como a criar hábitos, rotinas e, sobretudo, formas de projectar o seu futuro a partir dos aspectos espontâneos do quotidiano. Em «Betão» estão reflectidas as noções fundamentais de memória e consciência na reconstituição de um ambiente familiar, condensadas num único espaço, cuja continuidade é colocada em risco pela ameaça de um momento disruptivo. «Um ponto deitado sobre o infinito» relata-nos o movimento deambulatório de uma personagem sem passado à procura da eternidade, descobrindo e explorando a sua relação com o infinito; os momentos e as situações que os representam, de sentido dúbio, são tão inusitadas quanto reais. «O Pé Obscuro» simula um diálogo entre duas personagens que reflecte todas as suas pequenas obsessões e os gestos imperceptíveis que narram a história da sua infância; o modo

como a ficção influencia o seu comportamento, neste relato, é talvez o mais notável. O último conto, «Amor Pendular», recupera o tema do ‘duplo’ a partir de um encontro inevitável entre duas personagens, onde parece estar em jogo a forma como a percepção pode ditar, num movimento tão oscilatório quanto violento, as circunstâncias e o desfecho das relações pessoais.

Muito poderia ainda ser dito sobre este conjunto de contos e, de facto, se quiséssemos destacar algum elemento — sem revelar detalhes de um(s) enredo(s) que convém não antecipar — assinalaríamos o modo como a consciência e a percepção da realidade, por parte dos protagonistas dos vários textos, condicionam não só a construção do espaço como acabam por determinar o próprio desfecho das experiências que representam; parecem, à falta de uma expressão mais rigorosa, estar construídos de *dentro* para *fora*.

Betão

Diogo Paiva

Era a casa a que invariavelmente regressávamos. Os adultos ocupavam os quartos. Nós, as crianças, dormíamos na sala, com a lareira, nas noites de Outono e de Inverno, e nos serões ainda frescos da Primavera, a arder de um tronco grosso e seco, escolhido a dedo, cortado por um dos tios, de machado erguido a tapar-me o Sol. Era a casa de família, onde nos reuníamos nas datas festivas. Os avós viviam lá sempre. O tio que cortava as árvores acordava-me pela manhã. Ainda antes de ir lá para fora, eu via pela janela o nevoeiro que me encobriria os passos. Vestia-me e seguia o tio que me levava por uma mão, na outra o machado. Entrávamos pelo quintal assustando um primeiro gato, depois outro, mais à frente os pássaros ainda mal despertos. O tio apontava-me a árvore a sacrificar, é aquela, vês?, e eu travava o passo, desconfiado do nosso direito para a malbaratar. O tio avançava sozinho e punha o machado a beijar dolorosamente o casco. A árvore, como se procurasse o sol afastado, inclinava-se a cada beijo, descaía mais um pouco, até ranger os dentes com

os meus e cair no chão, aliviada no rumorejar das folhas a acariciar a terra. Ali mesmo, o tio partia o tronco em pedaços que lançava a um carrinho de mão. Respirava com força e falava comigo. Via-lhe os músculos retesados, conduzindo a madeira até ao armazém. Para mim, o tronco a arder era sempre o mesmo, embora o visse antes de pegar fogo. O tio ordenava-me que fosse para casa e comesse. Ele não tinha fome e acendia um cigarro. Eu servia para o observar. Sem a energia dele, eu comia enquanto andava pela casa e explorava as fotografias. As imagens fertilizavam-me. Possuíam uma organização secreta cuja lógica só a avó conhecia. Os mortos não se envergonhavam de conviver com os vivos. Sorriam da mesma forma há anos. Os adultos reuniam-se à mesa. Nós subíamos às árvores. Ouvíamos as histórias dos velhos, de quando eram válidos. Víamos como as mulheres correspondiam as mãos às flores, os homens aos frutos e aos legumes. As árvores enviesavam-se dentro da vista e rebentavam com os ramos de juventude. Cortavam-se e a seiva chorava o corpo perdido, nas luas exactas, há tantos anos que o hábito ganhava o estatuto de sabedoria. O tio que segurava o machado conhecia as artimanhas das árvores, as birras dos frutos. Era uma espécie de mágico. Sabia o que fazer com o que a terra nos dava. Mas as árvores, enquanto crescessem por gozo, correspondiam às mãos das crianças e às patas dos gatos vadios. Nós sabíamos que os adultos eram utilitários. Nós, por enquanto, crescíamos. Ainda não invejávamos os gatos. Ainda partilhávamos com eles os hábitos e a sabedoria. A avó não deixava que se lhes dessem os restos. O cão devorava tudo. Nós não gostávamos de o ver acorrentado. Livre, parecia-nos um gato. Preso, rude. Uma mulher — não tinha o nosso sangue — desobedecia. Incriminava-a uma longa espinha de peixe a aromatizar a horta. Quem deu comida aos gatos?, soava a voz da avó no alpendre. Aquela mulher, aquela externa, representava a perversão. Era sem censura que beijava o primo que a tinha desposado, com a língua ostensiva a rodar na dele. A perna, nua, era sexual. O sangue era de outra família, outra casa, outra

lei. Ela fazia aquilo de que nós, crianças, estávamos proibidas. Ia descalça para o terreno e ria-se das nossas regras. Era uma mulher rebelde. Colhia a fruta das árvores antes do tempo e comia-a à nossa frente. Os pássaros estragavam o que sobrasse. Depois, amolecendo, a fruta apodrecia no chão. Aquilo parecia-nos triste. Parecia que tinha ligação com qualquer coisa dentro da casa. O que era? O segundo mais velho de todos os tios queixava-se até com as mãos. Apoiava-se nos ombros do filho e relatava os tempos da fome. Tinha sido muita e até se comiam os caules das flores. As cascas dos legumes. As ervas que hoje não servem para nada e que davam ricas sopas e saborosas. O mijo das cabras. Mostrava os dedos calejados. Era o tio que não sentia nenhuma dor, nenhum frio, nenhuma fome, por já a ter sentido demasiado. As crianças tapavam a boca e riam-se de viés. Os adultos parodiavam-no de lágrimas nos olhos. A miséria não podia ter sido tanta. Era um tio exagerado. Patético. Outra tia era louca. Habitava na grande casa dos loucos e, quando voltávamos à casa de família, era trazida numa ambulância. As refeições na casa tinham entradas, sopas, pratos, sobremesas, digestivos. Para a tia louca, portentosos copos de água rodeados por cápsulas ovais e coloridas. Eram, segredávamos desviando o olhar, os comprimidos. Nenhum de nós podia prová-los — era outra das proibições —, sob o risco de também ficar louco. A tia louca era o único adulto que brincava connosco. No entanto, era como se não o fizesse. A sua presença era longínqua. A alma habitava-a noutro lugar que não o corpo. Algumas crianças diziam que a alma dela andava pela casa, e que ela era doída por esse motivo. Para mim era simples. A alma não tinha ligação com o cérebro. Nós dizíamos que ela dormia o tempo todo. Dispensávamo-la das brincadeiras. Ela sentava-se numa cadeira e falava sem companhia. Os meus primos continuavam a brincar. Eu, sem nunca abandonar o jogo, de vez em quando olhava-a, olhava-a repetidamente até doer, até se tornar obsessivo, e no momento em que me aproximava dela como que para lhe responder, uma das outras crianças recuperava-me num puxão violento. Alguém

vinha e levava-a para o quarto, de repente apática, sob o nosso olhar. Davam-lhe os comprimidos e obrigavam-na a dormir. Esquecíamos a louca, olhávamos para as fotografias. Os mortos conservavam tanta energia. Os vivos apontavam para as figuras, diziam-nos os nomes, recordavam episódios como um sonho que tivessem tido na noite anterior, e explicavam-nos os lugares que eles ocupavam na família. À mesa, as cadeiras que tinham sido deles ficavam insuportavelmente vazias, a gritar. Muitas vezes se contavam histórias dos mortos, e frisava-se a circunstância que os tinha levado para sempre. Para sempre era tão desconhecido como desde sempre, como nunca, e o desconhecido era fora da arquitectura acolhedora da casa. Os meses que vivíamos sem lá voltar pareciam-nos uma sucessão de buracos onde podíamos cair, no fundo dos quais adivinhávamos outros perigos. Uma tia-avó passava os dias junto ao telefone. Comprou-se-lhe uma cadeira confortável e desistiu-se de a convencer a espreitar o dia ou o lume. Uma das irmãs tinha-se mudado muito nova para um país distante. A tia-avó ficava de olhos ligados ao vazio à espera de que a irmã telefonasse. Horas, dias, noites. Arriscava ligar, não atendiam. A vida seguia e aproximava-se o dia de deixarmos a casa até ao próximo encontro. Estávamos à volta da mesa, talvez na véspera de irmos embora, ou deitados no jardim a apanhar uma réstia de sol, cantando e rindo à beira da noite, o telefone tocava três torturantes vezes, e a tia-avó, calmamente, sem dar sentido aos olhos, levantava o auscultador com uma mão perlada de veias e manchas azuis. Era a irmã, e nós sabíamos-lo, porque ela não nos chamava. Trocavam informação trivial. Despediam-se. A tia-avó pousava o telefone, acomodava-se na cadeira, ajeitava o xaile e o cabelo, preparada para aguentar as horas que espaçassem o novo telefonema. Nós voltávamos a comer ou a cantar. O filho desta tia-avó era um dos mortos. Tinha morrido antes de se tornar adulto. Era uma forma de ele ser adolescente. Vivia encarcerado na moldura, era bonito, e não parecia um fantasma do vício. A tia-avó enfeitava-o de maravilhas. Os outros, por trás, falavam das drogas e dos crimes. Eu lembrava-me

de correr atrás dele no terreno, por entre as árvores, desfazendo a horta. Eu caía e ele parava. Eu levantava-me e olhava para os meus joelhos feridos. A visão do sangue ardia-me e eu chorava. Mostrava-lhe um joelho. Ele dizia-me não dói, não pode doer, tão pouca coisa não pode doer. As lágrimas cessavam e as feridas paravam de doer. Havia palavras secretas para o mencionar. Jovem, belo, overdose. A tia-avó parecia esquecê-lo, ao lado do telefone. O tio que era doente ocupava a vida nas farmácias e nos hospitais. Não podia beber e bebia por todos. Sofria das partes mais remotas do corpo. Nunca se lhe ouvia um lamento. Falavam dele como de um anjo. Ele dizia que o vinho o sossegava. Às vezes, pela calada, escutávamos alguma mulher da casa comentar que ele, sem a bebida, tornava-se um diabo. Eu olhava-o como se uma luz o envolvesse. Um dia, brevemente, ele ficaria cego. Era o desenvolvimento da doença. Um dia, menos breve, a morte juntá-lo-ia às fotografias. Os médicos desautorizavam-no de beber. Nós rogávamos-lhe contenção. Ele sorria, erguia o copo baço e bebia-o num trago. Arrotava de satisfação e dizia uma frase que o fazia parecer um génio. Quando morresse, a casa emitiria um silêncio com volume. Era, simultaneamente, a calma por que os adultos desesperavam e a experiência que fazia sonhar as crianças. Era a nossa pequena divindade. O nosso deus privado. O tio-avô que acreditava em Deus mostrava-me sempre o mesmo livro. Uma capa acobreada, amarelo por dentro. As folhas rasgavam-se se as lêssemos com fúria. Eu abria-o. As frases diziam-me sempre o mesmo. A minha evolução não conseguia alterá-las. O tio que era ateu ria-se das nossas figuras. O meu primo, filho dele, que estudava os livros que se arrumavam na casa, discursava para a família, olhando ora para o tio crente ora para o pai descrente. A reflexão é estúpida, dizia o estudante. É perda de tempo. Nenhuma conclusão elucidada. A verdade é escura. Nenhum sistema de pensamento a ilumina. Uma ideia é uma ideia, é assombrosa. A luz que projecta arrasta um pano negro atrás de si. Perante isto, o que nos resta? A família fazia silêncio, esperando uma resposta, paradoxalmente. O entretenimento.

Ninguém percebia ao certo o que ele queria saber a estudar tanto. O tio-avô crente virava as costas ao sobrinho-neto e voltava a abrir-me o livro. Tentava dizer-me que o amor era o mais importante. Mas como podia eu distinguir, de entre tantas vozes, a mais apta para amar-me? Esforçava-me para ler o livro, mas a ansiedade de ler os seguintes retirava-me o prazer. Teria de ler todos para compreender o primeiro. O tio ateu chamava-me, rindo-se. Dizia-me de ser sozinho, e eu sentia-o solitário, mas quente. De quê? O indivíduo, dizia-me ele, não está em comunhão com Deus, e sentava-se à mesa de jantar, puxando-me para eu ficar ao lado dele. A família inteira recebia-me com o olhar. Sentia o amor, e o amor repugnava-me. Havia demasiado contacto. Com Deus, com os homens, com tudo. Como é que podíamos saber de algo? Voltava a reparar no tio doente. A degradação ficava por cima de todas as histórias. Apenas o declínio não era fantasiado. Os bichos moviam-se, os corações pulsavam, e o raciocínio também falia. Deus, dizia o tio ateu, é um anfíbio, e piscava o olho ao tio que acreditava. Eu ainda não tinha avançado o suficiente no livro, ou não tinha lido os outros, para o compreender. Porém, tudo à volta do tio ateu era mais compreensível, ainda que não pelo pensamento, mas também mais assustador do que qualquer ira. Terminada a refeição, as crianças levantavam-se da mesa e os adultos continuavam a discutir. Nunca se zangavam. Já tinham vivido alguns anos, não queriam gastar os que sobravam. Nós, que éramos novos, não sabíamos do desperdício. Eu afastava-me dos meus primos e andava sozinho pela casa. Muita coisa bulia em mim, não sabia com que motivo. O quarto dos meus pais era ao fundo do corredor, como eram todos os quartos ao fundo do corredor. Atravessava-o com a respiração suspensa. Não sabia que mundo era esse, escondido atrás das portas. Chamavam-lhe privacidade. Eu tinha-lhe medo. Que se podia fazer de tão grave que o não pudessemos ver? À noite, depois de os meus pais me desejarem um sono tranquilo, esperava que os meus primos fechassem os olhos, aproveitava a luz de presença sempre acesa e avançava no

corredor. Os mortos das fotografias exigiam mais respeito. Os meus passos calavam-se no tapete. Toda a gente dormia. A própria casa sonhava connosco. Eu chegava ao fim do corredor e encostava a cabeça à porta do quarto dos meus pais. Do outro lado, a minha mãe ria como se tivesse medo, baixinho, e o meu pai sibilava como uma serpente encantada. Será que os adultos à noite eram crianças de novo? Um ruído misterioso — a madeira da cama a ranger ou um espírito, nas minhas costas, a observar-me? — sobressaltava-me, e eu corria para a sala. Deitava-me ao lado dos meus primos espalhados em colchões pelo chão. Os sonhos suavam-lhes das têmporas e dos pescoços. O tremer das pálpebras, assustado, era-me um mistério maior. Que viam eles daquele lado do escuro, que eu só podia imaginar pela velocidade dos olhos, como imaginava os meus pais pelo tom da voz? Adormecia inquietamente. Ficava com raiva dos meus pais. Eles deixavam de me pertencer. Mas nunca me podia separar. As coisas podiam não ter um fim, mas um início tinham de ter. De manhã acordava com o avô a cantar na cozinha, a beber o primeiro vinho do dia e a comer o primeiro pão. Ele era o arquitecto da casa. Conhecia-a labirinticamente. Tomava-nos pelas mãos e mostrava-nos as divisões. Aqui é o lugar de se correr. Aqui é o lugar de se estar. O lugar de se amar. De se esconder. O de chorar e o de criar. Havia um quarto fechado ao lado do quarto dos meus pais. Nenhum membro da família sabia onde o avô guardava a chave daquela porta. Tínhamos medo de passar por ela. Julgávamos ouvir os barulhos do interior, e era estranho que o avô ficasse connosco do lado de cá, juntando o ouvido ao nosso, unido à porta, a escutar. Imaginávamos o que havia do outro lado. Perguntávamos ao avô. Ele cruzava o dedo indicador nos lábios. Tínhamos de fechar os olhos e ouvir. Dava-nos mais medo. Aquele quarto podia ser muita coisa. Só um quarto é que não podia ser. Uma possibilidade infinita, dizia-nos o avô. A casa tinha evoluído ao longo da existência dele. Mostrava-nos os calos das mãos, construí-a, meus filhos — chamava filhos a todos (mesmo àqueles que nem eram netos dele, mas de um irmão dele

ou de uma irmã da avó), e apenas os mais irreverentes não o tratavam por pai, e esses tratavam-no por avô, como eu, mesmo que tivessem outro mais verdadeiro, e o mesmo com a avó —, com o meu esforço, pedaço a pedaço. Morreu num dia em que a família não estava em casa. A avó disse que se foi como um pássaro. Os filhos assumiram o legado. Quando os meus pais morreram, dizia o avô, eu continuei-os. Quando os teus pais morrerem, dizia-me, olhando-nos a todos — se os meus pais morrerem, pensava eu —, tens a responsabilidade de os continuar, e os meus primos também pensavam que falava exclusivamente para eles. Quando cada um de nós for o pai dos seus filhos, eu, e eles, cada um de nós sozinho, terá de concentrar na mão o peso e a textura do avô, e mostrar às crianças como, de onde e para onde a casa se desenvolveu. Dizer os lugares-comuns da casa será uma herança. Os lugares-próprios, disse o avô, cada um terá de os descobrir por si. Assim é que considerei legítimo, enquanto os meus primos brincavam na sala, nos corredores, no alpendre que os adultos só ocupavam à noite para beber e conversar, fingir interesse nos porcos e escapar para as traseiras do alfeire, onde um pequeno terreno se enfeitava de flores. Reparava se ninguém me seguia, e só aí me atrevia a arrancar uma delas. Belíssima. Incomparável. Arrancava-lhe as pétalas até sobrar uma carcaça, e o espanto de a ter desfeito, e do cadáver que ficava, era tanto que me via forçado a deixá-la cair-me das mãos. Repetia o gesto com outra flor até que uma das tias acusasse a aproximação, cantando, e eu mandasse os restos dos caules modificados e dos pistilos encalvecidos aos porcos sempre cheios de fome. Era a tia errante, a mais nova. Não se entendia com a avó. Estragavam os almoços com discussões. Desaparecia durante dias. Das filhas, era a única que vivia na casa. Não se inibia de nos apresentar os namorados. Sabia línguas. Saía ao fim da tarde e voltava na manhã seguinte. A mim, impressionava-me como saía à hora do calor, vestida com uma blusa e uns calções, e como voltava a tremer de frio, enrolada nos braços de um rapaz — sempre um novo —, não lhe bastando o casaco dele que

trazia vestido. Mas ria-se sempre e ria-se de tudo. Era como um segredo que andava e não se dava a ninguém. Os homens passavam-lhe pelas mãos sem a mínima curiosidade. Ela era, em tudo o que tocasse, a parte interessante. As irmãs reuniam-se e elegiam uma que lhe pedisse que poupasse a mãe. Os irmãos só conseguiam adorá-la por trás da reprimenda e jurar homicídios àquele que lhe despedaçasse o coração, quando ela é que os despedaçava. Era a única com quem o avô saía de casa. Passavam durante horas. Ninguém sabia do que falavam. Depois o avô morreu, e essa tia, a filha mais nova dele, pela primeira vez não saiu de casa nessa noite e, por tantas quantas pôde daí em diante, fechou-se no quarto sem homens e sem barulho. A família voltou apressadamente à casa para o funeral. Ninguém podia entrar no quarto da tia mais nova. Mesmo a avó pediu-nos que brincássemos no outro lado da casa. O avô tinha morrido e isso era importante, mas o mais misterioso era a reacção de algumas pessoas à morte dele. Uns deixaram de comer, outros de falar, e alguns fecharam-se no quarto ou, pelo contrário, abriram todas as portas para circularem melhor. O tio-avô, irmão dele, militar reformado, dedicou o tempo à criação dos porcos, continuando o trabalho do falecido. Quis tomar-lhe o lugar à mesa. Não se permitiu. Tentou instaurar novas regras, reformular as antigas, disse ele, mas, por muito que ao início o respeitássemos, logo compreendemos — as crianças — que a nossa adolescência encontrava agora um método para singrar, desobedecendo. Um dos meus primos, pouco mais novo do que eu, descobriu a morte e ganhou-lhe terror. Chorava os dias inteiros, que não queria morrer, não queria mesmo. A tia, mãe dele, mimava-o para que se esquecesse, e ao pai deu-lhe a suspeita de que, com tanto medo e tanto mimo, o filho destinava-se a ser um falhado. A avó juntou uma nova fotografia às antigas, e até pareceu que foi só isso a alterar-se nela. A mim não me deixaram ir ao enterro. Para sempre, o túmulo do avô tornou-se no quarto fechado, uma infinitude de possibilidades. Até que a tia mais nova saiu do quarto, e os homens e os risos voltaram à

casa, e nós pudemos voltar a brincar em todo o lado, com o cuidado de baixar o volume da voz ao passarmos pela fotografia do avô. Voltámos a pedir à tia errante que nos falasse em todas as línguas. Ela fazia-o, desinteressada, de mão dada com um homem rápido, folheando um livro com imagens, bêbada de sono. Porque não dormia. Ela era sem sonhos. Vivia mesmo, e era isso que era duro de compreender. De manhã, quando acordávamos com o ruído que fazia ao entrar em casa, acompanhada, pedíamos-lhe, por favor, que nos contasse as conversas dela com o avô, e ouvíamos-la até voltarmos a adormecer. O homem que vinha com ela, também adormecido, era subitamente acordado com um toque de cotovelo, e eu, meio desperto, via-os a desaparecer no corredor. O avô ainda existia sempre que ela falasse. Por mais homens que lhe entrassem no quarto, o avô era intocável. E a casa era o sítio onde nos faríamos singulares de uma forma acompanhada. Mas ninguém, nem mesmo a tia mais nova, era mais unanimemente reprovado do que o tio que nunca voltava a casa. À frente das crianças não o referiam. Bastava que saíssemos da mesa, e aquele nome pronunciava-se com laivos de traidor. Esconderam-se todas as fotografias em que aparecia, e o quarto passou para outro irmão. Nós, as crianças, suspeitávamos que ele agora pertencia a outra família que se reunia noutra casa, com outras regras e outras histórias. O tio desertor deixou connosco o único filho que tinha, e as mulheres da casa esforçavam-se por colmatar o abandono. Sentavam-nos nos joelhos, penteavam-lhe o cabelo, beijavam-lhe o rosto. Eu fingia não ver, concentrado nalgum gesto, e ao mesmo tempo fervia em mim o pudor, o ciúme e o ridículo de se entregar o corpo a outro. Ele largava as mulheres e corria a juntar-se a nós. Vinha ruborizado dos carinhos, suado de resistir. Eu aproximava-me desse meu primo, sem respirar, para que ele não me sentisse, e de repente mordida-o nas mãos. Ele chorava e as mulheres vinham acudi-lo. O meu castigo era ser perdoado. Tínhamos de apertar as mãos ou até de nos beijarmos. Olhos nos olhos — olha para ele, diziam-me. Olha para ele enquanto falas —, jurávamos

voltar a ser amigos. Porque a família, para eles, fosse qual fosse a nossa individualidade, a família era a comunidade inexpugnável, a família era o amor de encontro em encontro mantido. Uma das tias, satisfeita com a reconciliação, aflagava-nos as costas e sorria antes de nos deixar. Esta tia amava-nos e dizia-o, o que era terrível. Descrevia-nos o funcionamento das outras casas, sublinhando a importância da nossa. Este, dizia, é o sítio que importa. As pessoas que vos amam, e sempre o amor, pensava eu, a enjoar-me a cabeça. A casa é perene, dizia a tia. As coisas acontecem à volta, mas este é o lugar seguro. E explicava-nos que os adultos tinham os seus problemas nas outras casas, mas que esses cessavam ao reunirem-se nesta. Para mim, tudo isso era uma grande mentira. A família tocava-me e falava-me, e eu não sentia o amor fluir. Sentia o desconforto. Sentia-me um inimigo. Sentia-me capaz de os aniquilar para me tornar num indivíduo. Impelia os meus primos a romper os laços. Levava-os para o sótão e mostrava-lhes o pó que embaciava o chão, os espelhos, os móveis e os pertences abandonados. Era naquilo que dariam todos, e mesmo eles, crescendo, fariam igual com as suas posses. A avó descobria-nos e voltava a castigar-nos. Trancava-nos em quartos separados. Aí, sozinhos, planeávamos os jogos do reencontro, ou os mais astutos, virados para dentro, cresciam, abandonados, entregues ao quarto e às possibilidades dele. Chegava-nos o eco das conversas dos adultos desde a sala ou da cozinha. Riam-se. Falavam alto. Eu entendia alguma reprovação, alguma jactância, alguma irritante superioridade no pruriente riso dos adultos. Finalmente, éramos libertados, regressávamos à sala, para junto da família, e distribuía-mo-nos pelo sofá e pelo chão. Um filme antigo rasgava com imagens escuras o televisor. O tio que lia as legendas em voz alta reconciliava-nos com a família através do riso que nos provocava. A bisavó — a mãe que a avó dizia ter sido uma santa, mas de que nós não sabíamos mais do que nos contavam (era absurdo que alguém tivesse existido sem que as nossas sensações o comprovassem) —, que era analfabeta, pedia-lhe, quando ele era pequeno —

por ser o mais velho, foi o primeiro a aprender a ler —, que lhe lesse as letras dos jornais, dos livros, da televisão. Ele nunca tinha perdido o hábito de ler em voz alta — ela já estava morta, e poucos ainda sabiam falar dela —, e era incapaz de deparar com mais do que uma palavra sem a recitar. Uma noite, a avó sobre pôs-se ao filme, aos castigos, aos irmãos, aos filhos, aos netos, e disse, para ofensa de todos, que no dia seguinte iam iniciar-se as obras, e o tio das legendas calou-se como se engolisse as palavras, de olhos esbugalhados, e o silêncio foi crescendo e atormentando. Eu pensei que, se a casa fosse sempre assim sem gente como agora parecia, podia avançar tranquilamente até ao móvel da loiça de jantar, na sala, abrir a gaveta onde a avó escondia o dinheiro e enriquecer. Ainda assim, aquele silêncio estremecia e contraía-me os nervos. Os meus pais decidiram que no dia seguinte voltavam à vida, alimentando saudades até ao próximo encontro, e os tios e os meus primos mais velhos seguiram-lhes a disposição. Não sei se as outras crianças também temeram que aquela fosse a última vez que nos víamos, só porque a arquitectura ia mudar. Coibi-me de olhar para a fotografia do avô. Ele devia chorar no papel especial das fotografias. A casa que tinha construído, alterada por desconhecidos. Mas, para todos os efeitos, a avó falava-nos com o coração, e há muito tempo que queria pôr a casa mais ao gosto dela. No dia seguinte, ninguém quis acordar. Fui o único a levantar-me com a manhã e a sair para o quintal, onde a avó e dois homens planeavam a construção. Eles tinham a roupa manchada de tinta, e essas manchas tinham espessura, quase como flocos de cor pingados no tecido. Falavam de paredes a edificar e de paredes a ruir. Era uma revolução. Só era estranho que a ruptura viesse dos antigos em vez de nascer connosco, o sangue novo. A nova geração, aliás, atinha-se ao medo. Em mim misturava-se o deslumbramento com o passado e a curiosidade com o futuro. Ao presente é que concedia o medo, um pedaço dele. Talvez, sobretudo, da estranheza que era assistir à desenvoltura da avó a dar indicações aos dois homens, confortável no comando da

destruição, que era ao mesmo tempo, e quase incompreensivelmente, o processo dela para persistir. Pelo novo, permanecia o antigo. Estaria a avó a tratar de não morrer? Sem dar por mim, ela entrou em casa e preparou o pequeno-almoço como fazia todos os dias, desta vez para os primeiros que se abstivessem do orgulho e aceitassem a transformação. Os dois homens empunhavam, cada um, uma pá, e foram com elas para junto da palmeira, ao lado do portão que dava para o quintal. Acompanhei-os em silêncio. Com as pás carregaram a areia encostada a uma das paredes da casa e formaram uma pequena pirâmide entre eles. Deitaram-lhe uma boa quantidade de um pó cinzento que tinha parecido um bloco inquebrável dentro do saco, agora amarrotado no chão como se debaixo dele um fogo encolhesse as palavras que o nomeavam CIMENTO. Um dos dois disse que era necessário misturar brita. Havia imensas pedrinhas de um branco-mentiroso e polvorosas ao lado do alfeire. Pegou na pá e foi buscá-las. Despejou-as na areia e no cimento. Ao mesmo tempo, o outro abriu a cisterna no centro do quintal e rangeu as cordas de ferro, desafogando um balde asstado de água. Carregou-o para junto do outro homem. Lentamente, com perícia e paciência, como se contasse uma história à casa, o homem do balde foi lançando pequenas línguas de água para a pirâmide de areia, cimento e brita, enquanto o outro, com a pá, misturava. O gesto de enrolar a pasta originada era interminável. Os braços rolavam como roldanas. Pareciam ondas, encadeando, desencadeando. Perguntei-me se teriam algum pensamento enquanto trabalhavam, enquanto o betão acontecia e se colava apaixonadamente à pá. O homem do balde esgotou a água e juntou-se ao outro no acto amoroso. O betão envolvia-se em si mesmo. Era a conclusão de algo. O betão era compacto. Era deleitoso para o olho. Libertava um cheiro fresco, bom, quase doce. Dobrava-se sobre si próprio como um iogurte espesso e elástico. Os braços dos homens iam e vinham como uma onda, como uma onda a pesar, como uma onda a pesar sobre a casa, envolvendo-a, abatendo-se sobre a família. Eu ficava ansioso.

As pás raspavam no betão. Eu queria dizer absolutamente como ele era mole e endurecia com o movimento, e cheirava a betão mesmo, a betão a fazer-se. O betão. Húmido e pastoso. Era incapaz de descrevê-lo. Nascia-me uma angústia.

Rosa a Judas

Catarina Rosa Serra

Para o meu pai.

a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe

Provérbios 29:15

O ímpeto do primeiro fruto era tão rubro que reflectia as estrelas: assim foram as mulheres abençoadas e conheceram o nome proibido de deus e, como as fontes, aprenderam a escorrer de baixo para cima.

Ficavam frente aos espelhos, como um presságio.

Enquanto ela se despia, a miúda reconhecia o futuro fundo no espelho. O ritual dos cremes resumido agora ao odor fundo na memória. Primeiro, como uma lâmina apontada a si, depois, como uma lâmina que queria apontar a ela, agora, como um pedaço de glória que não sabe quando começou a cauterizar.

É preciso muito tempo para se perecer. Para se visitar pela primeira vez o que foi explorado.

Enquanto ela se despia, a miúda decorava todo o corpo. Do cabelo negro à ruga que reconhecia das fotografias a partir da adolescência, dos olhos esverdeados à boca fina, dos seios pequenos às ancas de alabastro, da perfeição das pernas à estranheza dos dedos. A terra arrumada, a terra esplêndida. As mãos

espatuladas prontas a fazer da casa a melhor casa de todas. A descoberta de se conhecer. O riso adocicado.

Contemplá-la-ia horas se pudesse, era como ler o livro preferido pela primeira vez.

O espelho banhava o quarto, cortava-o ao meio, acutilava as paredes, trazia para perto as roupas bruxuleantes, todas as jóias como tesouros de um navio afundado. A gravidade do rosto adolescente onde a ruga cintilava como a marca do primeiro assassino. Como um anjo de uma elegia.

Há dez anos que ela se queda na cabeça, como um parasita, como uma daquelas velhas dos pesadelos que não reconhece a inocência nem sabe onde termina a crueldade. Intoxicada de tabaco e de sonhos, a mãe a rastejar-lhe acima.

Toda a família quer ver-te estável, repete o pai, não podes continuar a fugir ou a refugiar-te nos mesmos traumas, eu não te estou a diminuir, ninguém te está a chamar maluca, quero-te uma filha dinâmica. O pai quer sempre apontar a filha ao exterior, ver nela o espólio de uma caça muito antiga.

Eu quero escrever, repete a filha, mas a voz não sai. E quero começar pela palavra mãe.

A luz da primeira nudez deixou-a no término da palavra, letra a letra, nada significava mais que a palavra.

Passaram-se dez anos, são dez anos a demorar a palavra, a calcinar a palavra com um autismo surdo: mãe. Diz-se que é aquela que nos protege das coisas nocturnas. Esta, ao invés, ensinara-as. Releram interminavelmente o barba azul. Nos pesadelos, todas as mulheres eram a mãe, afastando-se sem olhar para trás.

Demorou muito tempo a apreender o seu próprio contorno nos espelhos. A memória colava-se ao vidro como um Inverno triste. A nudez da mãe era loba, isso acabou por mexer também com a ideia de sexo e com a ideia de deus. A primeira seria uma morada para pernoitar de passagem. A segunda chamava-se solidão.

Durante dez longos anos aprendeu a apreciar a sua própria aparição sem que fosse um reflexo de um útero. Dez anos

espectrais onde pelo canto do olho via a mãe dançar pelo silêncio fora como um imortal.

As estações atravessavam o quarto e os livros zumbiam. A loucura é um gato que se estima. A loucura é maternal.

Foi aprendendo a condição de mulher entre livros e vidros, sem nada saber fazer a não ser dormir.

O universo convergia inteiro para a nudez da mãe, no espelho. Moldava-se, encolhia, até caber inteiro no umbigo reflectido. Era um umbigo liso num ventre liso, a terra arada, cheirava a flores. A miúda inspirava a pele.

Parada, frente a este espelho, no momento em que o acaso se suspende para que ela testemunhe o corpo: a memória: a maternidade através de uma mulher perfeita, o corpo da mulher na sua forma perfeita: uma folha cai no sentido inverso da gravidade.

Rastejas como as trepadeiras e tudo escurece. Uma década para dormir. Para aprender a escrever, dormindo: toleravas-me, mãe, no teu espaço, como se admite um pássaro que tivesse entrado na sala e incomodasse no voo. Estar frente à infantilidade de um corpo, enquanto se acontecia com toda a experiência, era um milagre, uma coisa santa, porque na frente da pequenez era-se deus. Tenho a certeza que era nisso que pensavas enquanto à tua volta eu adejava.

Não. Só tu és a criadora, eras tu a criadora como também fazias materializar-te na frente da criação e renascias ao confronto com o que a cada ano mais perdias. Mesmo que a beleza demorasse ainda muito a perecer, o reflexo to dizia, era preciso precaveres-te daquela criança, desapegares-te dela, porque ela cresceria à tua imagem e semelhança. Frente ao espelho, onde a tua pele começava, era gerada a hora em que a percepção do real começava a cair no vazio. Também tu estarás só? As palavras murcham onde encostas a cabeça.

A miúda inspirava a pele e a pele cheirava a flores. A pele aparecia-lhe estranha, como se aquela não fosse a sua mãe. Deixava de o ser para ser mãe de todas as coisas, uma mãe loba cujo sentido era habitar a terra, morder as aves, ferir tudo para

proteger uma linhagem que a sucedesse: todos os filhos dos homens abrigados à sombra das suas asas.

Já não importava que não fosse a única filha, a maturidade da mãe já não era sequer o futuro: era como se o centro daquele umbigo fosse todas as Horas: a ampulheta do corpo parava. Pelo corpo passavam leves as estações e o choro de quando se nasce: todos que nascem, não só ela. Ela já não tinha importância; a maternidade não tinha importância, o universo não tinha importância: havia tudo naquele corpo. Era capaz de passar horas a contemplá-lo, não para ir ao encontro de si própria na sua semelhante mas para perder as raízes, como num sonho que não guiasse. Era como estar cego perante a beleza, submergir num baptismo em cuja fé assentava a ideia primordial da palavra mãe.

A inocência resumia-se naquele momento como um pêndulo entre desconhecimento e fim último: a vida não tinha importância, a morte também não.

Como as corujas de Wordsworth, ela tentava chamar a maturidade do corpo materno para aquele acontecimento extraordinário, mas a mãe não sabia dela no espelho. A mãe era o próprio mundo.

O tempo ainda não tinha significado mas ali findava e concluía todo o seu ímpeto. Com a escrita que ainda não acontecera passava-se a mesma coisa. Uma letra que nunca fôra podia encontrar ali o seu núcleo sem sequer ser concebida.

Deus acontece subitamente onde encostas a cabeça.

Não podia adivinhar que esta palavra mãe iria substituir a minha devoção pelo rito da tua nudez. A duplicidade contida na palavra mãe disseminou a duplicidade de ti real e a mãe do espelho. A imagem da mãe loba, que mais tarde perdeu o encanto, o significado, que se revelou apenas uma urgência de pertencer a tudo. Sem peso real, roubada pela palavra mãe.

Tantas vezes apreendeu a nudez materna que dez anos tiveram que se passar para que não se visse mais distorcida pela memória daquela mulher, carne da sua carne. Era como se a palavra mãe fosse o que restava de um reflexo memorável e a palavra, agora despojada do seu sentido, era agora qualquer coisa sem corpo onde cair.

O teu medo cresceu pelo meu desenvolvimento acima como a minha loucura desabrochou frente à memória dos teus olhos.

Hoje, é frente ao espelho que a miúda se torna mulher. E há uma língua de vidro que a tenta e a mulher sabe que o fruto se adocicará até ter gosto de ferro. Do silêncio, o esplendor rubro da sombra entorna-se languidamente. Estende a mão para o espelho e tira qualquer coisa que restou. A palavra pulsa na mão fechada como um pequeno cometa ou um coração.

Este é o teu corpo. Liba a palavra até ao caroço como se passasse sem querer, mas o riso irrompe. Não terá o fim esperado, pensa. Fita a loucura de frente e beija o reflexo dos lábios onde repousa o gosto último do abandono. Há um som de asas ao fundo, nos corredores do espelho. A loucura é uma mulher que rasteja. É uma mulher que se aperfeiçoa — pelo riso — frente à infância perfeita. A descoberta perfeita, a raiva.

Restolham as asas e volto a cobrir-me. Desço do parapeito da janela com a leveza de um mestre, ergo languidamente a constelação perfeita que é o meu corpo e encaixo-o no sono que me caberá.

É nesta hora que os teus olhos se fecham e eu beijo a tua pele fria e pouso a mão na tua testa muito idosa e acredito que alguém morreu. Porque é a ordem natural das coisas, depois de expiar a escassez do útero, a esterilidade de todas as coisas. Tudo foi cumprido, é preciso que durmas. Da mão faço um búzio e encosto-o ao teu ouvido e digo-te: descansa.

Três mulheres

Diogo Fernandes

JEAN

Saíra de casa de Jean de madrugada, ainda embriagado, com a vaga sensação de estar perdido. Em redor, as ruas quase desertas, sofrivelmente ordenadas; penso: poderia percorrê-las durante um dia ou mesmo dez anos, que não conseguiria encontrar o caminho de regresso. Não descobrira, entretanto, nenhuma referência ou rosto conhecido — nada faria prever um desfecho alternativo, mas a sua justeza era desconcertante. Digo: não há felicidade para aqueles que constroem a sua solidão — e acometia-me uma ideia aterradora. O pensamento distendia-se pela profusão de homens dispersos em suas casas, erguendo os rostos rápidos em confusas orações, criando o poema que faltava escrever; eram estes os mestres do esquecimento, incansáveis, concentrados num único instante, dedicando-se às dádivas porventura disformes de onde derivava um delírio (já se vê) dilatado pelo álcool, o ar cortante e o opróbrio. Espantavam-me sobretudo os seus dons porque cultivava as virtudes dúplices da memória: não sabia esquecer e arriscava apenas as formas menos complacentes de vulgaridade.

Por indecisão, ou talvez por falta de habilidade, Jean e eu passávamos horas a interpretar velhos textos, bebendo apenas o suficiente para justificar o nosso entusiasmo; não éramos amantes ou sequer amigos — unira-nos uma profunda falta de fé, que não procurávamos esconder um do outro. Nessa noite cometêramos o erro de escolher um trecho de um breve poema alemão, que começava, implacável: «Porém não nos é concedido / Em nenhum lugar descansar». Repetimo-lo até à exaustão, e a sua dureza recordou-nos a sorte de uma outra personagem, menos obscura — grega ou talvez irlandesa —, que sofrera as vicissitudes da sua complexidade. Apercebemo-nos de que a canção do seu destino era também a nossa, mas menos digna, algo que a nossa cumplicidade não poderia sustentar; eu era demasiado egocêntrico, ela insegura. Afastei-me sabendo que qualquer coisa se alterava e que provavelmente não nos voltaríamos a ver, o que não me incomodava tanto quanto arriscaria supor.

Admita-se, sou um homem desesperado, desconheço as virtudes da compaixão. Durante anos procurara nos muitos textos a exacta sequência de palavras que me permitisse comungar de alguma forma de compreensão, uma oração contra a ambiguidade; mas há um limite para o que uma prece pode abarcar — a nossa displicência, talvez, mas não a falta de um propósito; esse reescrevemo-lo diariamente, enquanto a displicência se sobrepõe ao desespero. Jean e eu tínhamo-lo compreendido como poucos, mas era eu o único cuja lucidez o impedia de descansar.

Não é possível descansar, digo em surdina. Tudo se torna turvo em presença de uma epifania: em redor as ruas inclinavam-se numa rara sedução de inflexões azuis e feixes amarelos, articulando visões de inescapável assombro com Jean ao longe rindo inocentemente, e poetas enternecidos com o sorriso louco de um jovem dobravam-se, atentos, sobre essa trágica expressão, circunscrevendo a sua euforia. Eram suas as formas mais insuspeitas de decepção, reunindo toda a sua existência num movimento de inquietação e lucidez, dizendo: *estivemos* aqui e apercebemo-nos *disso*. Mas nunca nos chegaríamos a aperceber,

seria preciso preparar-nos para morrer, ainda que brevemente, consentindo numa finalidade que não nos é imposta e que até pode estar deslocada.

Era isso a morte, a aceitação da nossa vulgaridade, quando já não nos resta nada — nem um maço de cigarros, elemento fundamental quando se percorrem consideráveis distâncias e a esperança nos abandona; ou talvez tivesse bebido demasiado, Jean avisara-me dos riscos de confundir clareza com desespero, apesar dos meus protestos, provocando-me — os seus olhos demorando-se sobre o copo de vinho enquanto saboreava a minha resolução.

Já a cidade se revolvia com os primeiros indícios de movimento assomando pela manhã, as suas faces radiantes ignorando um diálogo que se estendia pela eternidade. Felizes aqueles que conhecem a saciedade, pois seus serão os reinos dos céus, ou pelo menos não precisarão de os encontrar — acrescentava com ironia. Era tudo o que uma compreensão bíblica algo displicente me permitia admitir; revolucionários, prostitutas, mendigos, pederastas, todos merecíamos absolvição. Até poetas, mesmo os mais obscuros, que nos convidam aos abismos do sofrimento humano e nos exigem tudo, abandonando-nos extenuados.

Devo-lhes algumas frases inoportunas, duas ou três alucinações que recordo com um misto de fascínio e terror, o mistério insondável das coisas, que nos consome como um rito impronunciável, fruto de uma oração que não saberíamos compor; mas na qual não podemos deixar de participar — e esse seria o maior sortilégio, o poema que ficaria por escrever. Deambularia pelas ruas de São Francisco até que as palavras se esgotassem e a ilusão terminasse. Só assim poderia cumprir uma resolução ridícula, mas necessária. Nem todos estamos destinados à compreensão; a vida, essa, é um exercício de contrição. Regressaria, por fim, vencido, incauto, disposto a retomar a companhia de Jean, declarando-lhe: *dos meus dedos brotam as mais profundas nascentes do esquecimento.*

CLARISSE

Foi com a expectativa de conhecer Clarisse que por fim aceitei, relutante, o convite de Mary para jantar em sua casa, um pequeno apartamento numa das avenidas novas da cidade que apresentava todas as comodidades de uma decoração invariável. Clarisse tinha-se mudado recentemente, mas a desordem que exercia em seu redor era semelhante às alterações que se podiam verificar na disposição dos objectos, dentro do apartamento: uma mesa deslocada, uma edição manuseada de *A Construção* sob o sofá, um quadro expressionista de uma cidade a arder, pendurado na parede da sala, a sua fotografia numa estante apelando à imaginação.

Ao meu lado John assistia, imperturbável, a um antigo programa de humor, indiferente à minha perplexidade e aos gestos algo exagerados de Mary, que procurava, há já alguns minutos, servir-lhe um copo de vinho; seria inútil tentar ajudá-la, pensei, qualquer esforço que não envolvesse um acto de extrema violência não produziria, neste momento, sequer uma reacção: era

impressionante a forma quase compulsiva como John se dedicava aos prazeres mais desinteressantes da televisão. Mary, recordando-o, atravessou a sala e sentou-se defronte, sorrindo-me, vencida. Este tipo é qualquer coisa, disse-me, acrescentando: pareces inquieto, o vinho desagrada-te, ou esperavas uma revelação? A ironia estava-lhe expressa nos lábios enquanto inclinava ostensivamente o copo, olhando para o quarto; retribuí-lhe o sorriso, tentando disfarçar o meu embaraço. Saberia apreciá-lo, graciei, se acaso o deixasses respirar.

Não podia deixar de lhe dar razão, não obstante. Havia na ausência de Clarisse algo de inquietante que anunciava a aproximação de um acontecimento ominoso; eu chegara há mais de uma hora e Clarisse ainda não tinha saído do quarto, onde — Mary informara — passara toda a tarde. Estaria a dormir, talvez a preparar-se para o jantar? Parecia-me questionável não ter vindo receber-nos, mesmo considerando todas as particularidades da vaidade humana; a outra alternativa também não era melhor. A antecipação torna-se sempre tão perturbadora quanto a dificuldade em encontrar uma coerência na sucessão dos acontecimentos; e Clarisse era um elemento que de facto se furtava a essa lógica, segundo Mary — imperscrutáveis eram as disposições que a conduziam, por vezes, a tingir toda a sua roupa de uma só cor, a mudar frequentemente a distribuição dos objectos segundo uma concordância que só ela parecia compreender ou a passar dias inteiros imutável, lendo, sem acusar o contacto de outro ser humano.

Devíamos começar a preparar o jantar, não podemos esperar eternamente por eles, declarava Mary, enfasiada. Nunca são capazes de chegar a horas. Parecia irritada. Eles eram Heather e Dave, para além de Clarisse, claro. Conhecíamos-nos há tempo suficiente para não restarem cerimónias. Parece-me uma boa ideia, respondi, tens a certeza de que não queres ajuda? Posso perfeitamente desenrascar qualquer coisa, como sabes. Não, deixa estar, hoje estão por minha conta, anunciava, peremptória, enquanto se dirigia para a cozinha. Achas que também eles

se preparam para o pior? Olhei, estupefacto, para John. Ah, o programa já havia terminado; podia-se finalmente comunicar. Não te sei dizer, mas é melhor que o façam.

John sorria enquanto me servia um copo de vinho. Se Mary nos ouvisse chamar-nos-ia ingratos, com alguma razão. Ele era um tipo incrível, agia como se tudo lhe fosse indiferente mas com uma destreza que era impossível recriminar. Confesso que o invejava. Nunca sabíamos dizer quando estava enervado, com a exceção dos breves períodos em que se prostrava diante da televisão e alguém o lograva interromper. Ele explicava-nos que eram raras as ocasiões em que a indulgência dava lugar a uma forma reconfortante de sagacidade, mas parecia evidente que estes contactos fortuitos com a banalidade lhe interessavam mais do que os acontecimentos à sua volta.

Levantou-se de súbito e, acto contínuo, decidiu ligar a aparelhagem. Talvez achasse, não sem imprudência, que seria altura de conferir algum ritmo ao nosso diálogo. Indiquei-lhe um disco de *blues* que deixara por acaso e que permanecia intocado entre dois pisa-papéis. Ele aproximou-se da estante e observou-o. Rejeitou-o após analisar a capa, decretando: o nosso problema é que procuramos as formas mais soturnas de deslumbramento. Uma espécie de flagelação voluntariamente induzida em face de um entusiasmo que não conseguimos compreender. Não sabemos *estar* aqui e apreciar a companhia de outros sem medo de perder a nossa identidade. Conhecia-me demasiado bem, o agitador. Se preferes prolongar essa deliberação ao menos que aprendas alguma coisa, prosseguia, o farsante. Enquanto colocava um cd perguntou-me por Clarisse. Um vestígio de inquietação levou-me a encolher os ombros e, após uma breve hesitação, a devolver-lhe a pergunta — e tu, já a conhecestes? Não, mas pela fotografia parece-me uma rapariga muito interessante, concluiu triunfal.

Nesse momento alguém tocava à campainha e foi com efusão que John abriu a porta — quase a arrancando dos eixos — e cumprimentou Heather e Dave, que exibiam num saco de papel o resto das bebidas como quem se desculpa pelo seu atraso.

Eu ficara atônito, acabara de reconhecer a música que estava a tocar, que enunciava: «E há-de sempre haver para esquecer um falso amor e uma vontade de morrer». Era um disco de *bossa nova* interpretada por músicos de *jazz* que eu também deixara no apartamento de Mary. Talvez ele soubesse de alguma coisa. John comportava-se com desenvoltura enquanto lhes pendurava os casacos e perguntava, entusiasmado, se tinham ouvido o último álbum de algum músico obscuro que haviam descoberto numa loja de discos perto de sua casa. Levavam os seus passatempos com demasiada convicção.

Eu distribuía os aperitivos com imoderada concentração, evitando olhar para o quarto de onde Clarisse estaria, a qualquer altura, a surgir. Que formidável logro nos esperava? Mary, entretanto, regressava da cozinha — sempre com um copo de vinho na mão —, cumprimentando os últimos convidados que se instalavam no sofá. Vocês os dois são fisicamente incapazes de ouvir algo que não seja deprimente, troçava ela, mudando para uma estação de rádio onde passavam êxitos dos anos oitenta. Sabia bem que não suportávamos aquelas trivialidades. Agora fiquem à vontade que eu vou acabar de fazer o jantar. Espero uma ode pelo meu esforço. Sorrimos a medo.

John, Dave e eu começámos a atacar, de modo quase frenético, os pratos de aperitivos, antecipando o desfecho que se aproximava. Heather bebia uma cerveja ainda morna com satisfação. Contava-nos que estava a ler sobre a influência das substâncias psicotrópicas nos meios de percepção, em especial o LSD. Creio que era esse o tema da sua tese, embora não me recordasse do título exacto. Relatava-nos casos fascinantes de alteração da percepção temporal, sinestesia e perda do sentido de identidade. Um regozijo para quem estava cansado de ver a realidade com os seus próprios olhos ou se sentia apenas entediado. Dave tinha algumas dificuldades em acreditar nas mudanças drásticas, a nível identitário, que se verificavam a longo prazo no utilizador regular deste tipo de substâncias; considerava-as sintomáticas de uma insensatez inicial, a consequência de

substituir a realidade por uma ilusão, uma vez o efeito terminado. John recordou-lhe o caso do vocalista de uma influente banda britânica, que lhe causava particular desgosto, apesar de preferir a orientação musical que o grupo tinha adoptado a partir do seu afastamento, como gostava de contrapor. John era uma espécie de autoridade neste assunto, sendo o único do grupo que alguma vez tinha experimentado LSD. Talvez seja essa a solução, ninguém sofrerá mais a crise da modernidade — vaticino a dissolução voluntária e colectiva do ego, que achas John? Atirei-lhe, com um sorriso.

De tempos a tempos alguém se aproximava com desconfiança da cozinha, onde Mary se apressava a terminar o jantar, trauteando a letra de uma música *pop* que infelizmente se ouvia da sala, sem perder a compostura. Por fim resolveu-se a trazer a comida, levando-a para a mesa que Dave tinha entretanto organizado. Olhámos receosos para a travessa. Nunca se sabia o que esperar, Mary era uma cozinheira sofrível, mas uma espécie de obstinação, que por vezes se confundia com amor-próprio, impedia-a de o admitir, apesar dos nossos protestos; creio que representava o papel de dona de casa, provando a si própria que estaria à altura das expectativas, qualquer que fosse o custo — e o custo era frequentemente o frágil equilíbrio entre a nossa boa vontade e a incapacidade de digerirmos o que quer fosse que preparava.

Ravioli com espargos e delícias do mar. Hmm, digeri-lo seria um acto de contrição. Heather olhava incrédula. Dave afundava-se na cadeira. Bebi de um trago o meu copo de vinho, esperando obter o ânimo, de que não dispunha, para lhe perguntar por Clarisse. Respondeu-me, lacónica, que não sabia, provavelmente apareceria depois de jantar. Escapava-me o sentido de estarmos todos presentes numa casa que agora também era dela e não aparecer. Algo de estranho se passava, talvez o vinho começasse a alterar-me a percepção da realidade; desejava que fosse LSD.

Dave e John repetiam a Mary o resultado da discussão

anterior, que se ria das minhas rebuscadas construções mentais. Em todos os rostos se enunciava já a satisfação, potenciada pelo álcool, de nos vermos uma vez mais reunidos. A conversa distendia-se com fluidez, os assuntos desdobravam-se a uma velocidade que não era possível acompanhar; eu replicava como podia às questões que me colocavam, simulando interesse. Pensava em Clarisse, a sua ausência era um espaço vazio em que o murmúrio se diluía. Ela não viria, restava apenas a expectativa quase absurda de pensar que iria encontrar no seu corpo uma forma de revelação. Se a conhecesse provavelmente dir-me-ia que era ridículo procurarmo-nos nos outros — ou outro lugar-comum semelhante —, desprezando a minha fraqueza.

Era John quem melhor compreendia o meu dilema e tentava, em surdina, apontar-me o meu erro. Resolução inútil, agora que o meu raciocínio se encontrava toldado pelo álcool; consentimos em adiar a nossa discussão. Mary pressentia, como sempre, a minha agitação, e procurava acalmar-me. Como podia dirigir-me aquelas palavras de conforto, a mim, que a fazia tolerar as minhas concepções insubstanciadas de identidade? A sua abnegação era mais do que eu conseguia suportar naquele momento e a sua presença tornava-se incomportável: era um reflexo do meu próprio egoísmo e da minha indecisão.

Olhei-a com menos rigor do que angústia e para me desculpar argumentei que já era tarde, teria de me ir embora — que não, não ficava para mais um copo ou para um filme. Pensei em entrar no quarto de Clarisse, acordá-la num derradeiro gesto que me permitisse esquecer os vestígios de uma noite inescrutável ou substituir uma ilusão por outro enigma — compreenda-se: o fascínio dos movimentos arbitrários, mas decisivos, que se cumpre um pouco a despeito; a descoberta de uma implicação superior a nós próprios que não se chama deus ou destino ou até lógica, mas que obedece aos princípios da necessidade e da circunstância. Seria demasiado gratuito, reflecti, pelo menos por esta noite. Abri a porta do apartamento e desejei que o ar frio me entorpecesse os sentidos.

KATHERINE

Parecia que hesitavas quando te aproximaste. Havia na tua voz uma inflexão de incerteza, como se não soubesses o que ias dizer, os lábios trémulos procurando articular algumas palavras. Achei-te disposto aos mais incompreensíveis desígnios, sacrificando o que resta da inocência em virtude de uma solenidade um pouco deslocada, que tentas desesperadamente disfarçar. Por indulgência, ou talvez familiaridade, Katherine parecia confundir a minha hesitação com timidez, recordando decerto com indiferença as imagens de uma jovialidade abandonada à indolência, entre os inquietos olhares que todavia estacavam ante a sua beleza, dificilmente despercebida — os olhos imperscrutáveis e verdes debruçando-se sobre as vicissitudes da emoção, a boca demorando-se num compasso imperturbável, destacando cada palavra num movimento preciso, o cabelo liso alongando-se pela imaginação. A sua beleza impunha-se como uma terrível revelação; era impossível permanecer incólume. Mais do que isso, era o único sortilégio digno de ser considerado. Não, o último — e

por isso o mais assombroso. Revolvi-me no banco e tentei disfarçar o meu desconforto; o reflexo de um sorriso distendia-se no meu rosto. Digo: como se conta uma história que não tem início? Sobram sempre demasiadas interrogações — melhor seria deixar tudo ao acaso. *É simples, começa-se por um pretexto.* O seu cabelo voltava a ondular quando falava. Sim, e de todos os subterfúgios o arbatamento é a forma mais profusa; e também a mais sincera nos seus múltiplos equívocos: ágeis, fecundos, estremecendo em redor de uma imagem inexacta mas definitiva — uma súplica atravessando, hesitante, a eternidade, que não o prazer inextrincável do álcool ou as inexplicáveis circunstâncias da sua volição. Nem sempre é possível dizer onde termina a ilusão e começa o fascínio, e uma pessoa começa a interrogar-se, coloca tudo em causa; diz-se que a ambiguidade corrompe tudo desde a raiz, por isso temos tendência para nos isolarmos. Exercemo-nos demoradamente entre os indícios de uma linguagem irreparável, expiando a sinceridade através de alguns elementos apenas — a casa, o corpo, o carácter dúplice do discernimento —, descobrindo um discurso brusco e incoerente, sem forma ou lugar, mas ineludível na sua génese. Começamos a sentir-nos deslocados, incapazes de participar nos assuntos dos homens ou aceitando um pouco com displicência o contacto com os outros. Compreendes o meu desencanto, Katherine? Ainda assim devia ser capaz de dizer alguma coisa, bem sei: é preciso dedicarmo-nos às virtudes da compaixão, entendes? Refiro-me à capacidade ou, talvez, à necessidade de... de... Perdoa-me se hesito, a voz estremece-me — como se diz? — sob a impaciência de uma linguagem ferida. Vê-se que ainda conservo alguns vestígios de inocência. Insiste-se numa linguagem implacável como quem recupera, com desagrado, um hábito de que se julga necessitar. Estamos destinados à incompreensão. *E, no entanto, entregamo-nos com obstinada temeridade. É fácil confundir determinação com desespero — ou lucidez — na circularidade de um discurso que em si mesmo se esgota.* Talvez, mas em que medida é o desejo ou a volúpia um acto de ousadia? Creio que se trata tão

somente da expressão contrita da nossa solidão. Entregamo-nos por necessidade, com a sofreguidão de quem se procura esquecer a si próprio. O nosso amor é uma forma de indulgência; e uma não particularmente eloquente, nesse aspecto: importa menos saber o que dizer, ou a quem, do que observar as circunstâncias adequadas. A consciência do nosso desencanto é a nossa maior concessão, ou perda — deixa-se de conseguir suportar a candura e, sobretudo, a linguagem da sua inocência; tudo nos soa a falso: a solenidade dos grandes gestos, a sutileza de certas aproximações, o próprio enredo que adquire os contornos de uma realidade impronunciável. Resta-nos muito pouco, talvez uma vaga sensação de ausência ou a implicação de algo estar irremediavelmente deslocado; e, se as procuramos articular, compreendemos que fica sempre alguma coisa por dizer. Mas repetimo-lo até à exaustão e isso bem que poderia custar-nos a sanidade se não o soubéssemos já um desígnio condenado à partida. *Esperava mais de ti. Ainda há pouco falavas de arrebatamento. Não terás perdido, decerto, a capacidade de te surpreenderes?* Desculpa, sinto que te defraudo, mas nunca pretendi falar-te de redenção ou, num gesto menos visceral do que compassivo, descrever-te um qualquer outro episódio que aludisse às inquietudes da sublimação. O discurso é negro desde a sua origem e sustém a sua obscuridade através de um artifício nominal: uma profunda falta de fé. Céline dissera algures que se acabara o mistério e a ingenuidade — tínhamos devorado toda a poesia de que dispúnhamos; Apollinaire era mais reservado, reconhecia que o seu amor era uma doença venérea. A esperança é uma dádiva apenas reservada aos inocentes ou àqueles que estão demasiado distantes para se lhes reconhecer alguma capacidade de dúvida. Afirmar-te o contrário, arriscando a sinceridade numa trôpega tentativa de sedução — a ti ou a qualquer outra mulher —, seria uma indiscrição cujo compromisso não posso ainda assumir. *Sim, apercebo-me que esta não é a história que procuravas contar. Mais negro no negro estás mais nu. Só quando és falso és fiel.*

Não propriamente vivo

Manuel Damas

Imagina que vais a uma farmácia. Desde já, porque é que vais a uma farmácia? Não te lembras. Sentes-te nervoso por não te lembrares. Será que era importante? Lembras-te claramente que precisas de ir à farmácia, mas não te lembras bem porquê. É verdade que a idade começa a pesar, que estás a começar a ficar com cabelos brancos, que tens de ir à casa de banho mais vezes e que a pele das tuas mãos está menos elástica, mas bolas, gostavas de te lembrar. Será que estás mal, com algum problema de saúde? Não te lembras de nada senão daquilo que te lembraste até agora. Talvez não seja para ti, talvez seja para alguém lá em casa... tens uma iluminação genial: já te lembras! Precisas de ir comprar um creme para as queimaduras, a tua filha mais nova queimou-se no fogão quando ia provar o arroz e tu não estavas lá, foste precisamente à casa de banho; sim, porque tu agora cozinhas, cozinhas maravilhosamente, diz-te a tua mulher, desde que foste despedido e passaste a estar mais tempo em casa. Começaste a consertar relógios antigos e a aventurar-te

na cozinha. Os relógios são um assunto nocturno, do qual te ocupas no teu escritório, que seria o quarto da criada, se tivesses criada, e para o qual tens uma aptidão que não fazias ideia que tinhas, devido ao facto que quando tinhas treze anos a tua professora de trabalhos manuais disse que tu eras, e cito, «um desastre terrível»; a partir desse momento viraste-te para a tua vocação, o teu trabalho, que tu sabes bem qual é, aquele nos correios pelo qual tu ansiavas ter uma promoção que te permitisse comprar aquele carro novo que está estacionado em frente ao centro comercial e, mais importante, teres uma noite de sexo que não seja por rotina, a tal noite de mérito, essa ideia que já te pairava nos pensamento há uns dias, o queres que ela se deite na cama e pense «este homem é qualquer coisa, merece o sexo que vai ter», mas depois percebes que o que querias é que o teu próprio pai ficasse orgulhoso de ti e que te respeitasse e que te tivesse deixado ir às caçadas de lebres quando eras pequeno, mas nunca conseguiste porque ouvias sempre, e cito, «não quero que a minha prole se magoe»; os relógios, sabes tu bem que te distraem, que são um passatempo no seu verdadeiro sentido, visto que servem unicamente para passar tempo — por isso é que, quando a tua mulher te pergunta onde é que estão os relógios que ela te vê consertar, que ela gostava de colocar um na sala ou no hall de entrada, tu respondes que vendeste ou deste a um amigo teu, mas sabes perfeitamente que ficaste frustrado e atiraste o relógio contra a parede ou então tiveste aquela vontade doente que agora costumavas ter, aquele bicho existencial que te faz partir tudo e enforcares-te em bebida e pensar que nada daquilo vale a pena e que fazer relógios é simbolicamente uma maneira de tentar ganhar de volta o tempo que não passaste com o teu pai. Depois tens, claro, a comida, que começaste a fazer quando não aguentavas o quarto almoço seguido sozinho em casa a comer cereais ou restos do dia anterior e decidiste que querias experimentar fazer algo sozinho. Tens a tendência para, quando pensas em creme para queimaduras derivadas do fogão, lembrares-te do primeiro prato que fizeste, que nasceu

precisamente da frustração de não saberes cozinhar e teres de comer cereais — fizeste uma omeleta de fiambre sem fiambre, porque não havia fiambre em casa naquele dia, mas mesmo assim a tua mulher ainda pensa que, naquele dia, conseguiste encontrar uma tira escondida no frigorífico. A partir daí sabes bem de tua certeza que nasceu uma estrela gastronómica, que tudo o que tu fazes é uma iguaria e que qualquer invenção que te venha à cabeça, como é o caso daquele tempero para a salada de repolho que tu tanto fazes para acompanhar as salsichas recheadas com queijo e chouriço que a tua mulher tanto gosta, é uma delícia garantida. Tens consciência, no entanto, que não devias ter deixado o fogão aceso, sozinho, com a tua filha mais nova por perto, mas ao mesmo tempo ficas relaxado quando te lembras daquele livro que leste sobre as novas técnicas de educação do novo século, e que diz que se devem deixar as crianças magoarem-se e experimentarem, o termo usado é, e cito, «caírem», e por isso vês que a queimadura é só mais uma etapa de crescimento. Está tudo bem.

Tens então uma missão. Cabe-te agora olhares de novo para onde estás e aperceberes-te do espaço que te rodeia. Foste, antes de mais, ofuscado por uma luz brilhante e clínica à entrada da farmácia que te encandeou os olhos e que te pôs cego durante um breve momento; recuperas depois a visão e vês o seu interior: um espaço urbano de 15 m², legal e burocraticamente apropriado, que sofreu uma mudança de dono há 735 dias, e tu sabes isto embora não tenhas contado os dias nem tenhas feito nenhum tipo de calendário a prestar culto à abertura da farmácia; foi apenas uma coisa que te foi ficando na cabeça; o espaço é constituído por duas paredes, uma delas envidraçada para a rua, repletas de produtos para tu poderes escolher sem teres de pedir a ninguém — sentes curiosidade em saber que produtos são esses; entre as duas paredes tens duas prateleiras, que devem ter 1,52 m de altura, 3,43 m de comprimento e 86 cm de largura, mais coisa menos coisa, que fazem com as duas paredes três corredores de três tamanhos diferentes, visto

que as prateleiras são amovíveis e que uma das senhoras da limpeza teve de mexer numa prateleira, cerca de 17 cm mais coisa menos coisa, para conseguir limpar um resto de vômito que uma criança cuspiu há umas horas, quando foi aí à farmácia com a mãe porque se estava a sentir mal; a farmácia é iluminada por dois candeeiros modernos e brancos que se sentam ao balcão, que está em frente à porta e às prateleiras, e que irradiam a farmácia apenas até metade — por isso achas normal que também haja iluminação indirecta, no tecto da loja, ao pé da esquina com a parede, onde se encontram aquelas estrelas coladas como papel de parede, que tu sabes perfeitamente que eles colaram com cola líquida, balde industrial, feitos com ossos de cavalos de competição que perderam mais de três corridas seguidas; pensas até que gostavas de ter aquela iluminação em tua casa, porque lembras-te de ver em casa de uns amigos teus quando foste lá jantar, e eles disseram-te que valia a pena, que poupavas dinheiro e que dava um ar mais moderno à casa, e tu sabes bem a importância de ter as coisas modernas hoje em dia, hoje em dia que se pede tanto a tão pouco tu pensas que talvez pudesses ter iluminação indirecta em tua casa, e tentas pesar os prós e os contras, mas não encontras nenhum contra, e decides que quando chegares a casa vais dizer à tua mulher que vão contratar um empreiteiro para ele espetar uns buracos na parede e pôr umas luzes bonitas que iluminem a sala, para que depois possas convidar esses tais amigos e lhes possas esfregar na cara que também és alguém e que também zelas pelo interesse da tua família — mas os teus planos caem subitamente por terra porque lembras-te que estás desempregado e que o facto de a tua mulher ser enfermeira não significa que ganhe como uma enfermeira e que consiga sustentar os dois e as tuas duas filhas durante muito mais tempo a ganhar dinheiro sozinha. Começas a pensar naquela depressão que tu achas que tens há três meses e que talvez seja por isso que agora bebes às refeições e que partes todos os relógios que restauras. Pensas por momentos que o suicídio é a solução, que estás farto de estar desempregado, que estás farto de

ter barriga, que estás farto de ter de fazer a barba, que estás farto até de comer, tu que agora até achas que gostas mais de cozinhar do que comer propriamente, que devias ter feito as coisas de maneira diferente, talvez devesse ter tomado outras decisões na tua vida e ser como aquele teu amigo, o AAA, que ficou bem na vida, que tinha um estojo na escola mais giro que o teu e um caderno de marca, aquele caderno de marca que tu não compraste porque naquele ano foste às compras para a escola com o teu pai e ele quis comprar um estojo normal — aquele que ainda hoje usas — porque, e cito, «a minha prole não precisa de luxos supérfluos»; tem uma mulher mais bonita que a tua e sempre ganhou mais que tu e por isso tem um pénis maior e mais grosso que o teu, mesmo que nunca tenhas olhado para ele nos chuveiros da AAB enquanto tomavam banho juntos — simplesmente sabes e isso, de alguma forma, teres alguma certeza na depressão, traz-te de volta a um estado mais animado, a uma consciência mais leve, a um estado que se designaria de «claro» ou «claro, dentro do possível», se alguém conhecesse realmente todos os problemas que tu tens; já não pensas no suicídio nem em excesso de bebida — além disso, como é que te poderias suicidar com duas filhas pequenas a teu cuidado? A mais velha faz nove anos para o próximo mês e a mais nova tem cinco. As tuas filhas dão-te alento, e isso reconforta-te — e a luz da farmácia é simbólica deste teu renascimento. No entanto, olhas para trás, porque pareceu-te sentir que foste apalpado e, seja porque o teu rabo está abaixo da tua cara ou por outra casualidade qualquer, olhas simultaneamente para baixo para ver se alguém te apalpou — apercebes-te agora que alguém te pode ter assaltado, como há cinco anos atrás, precisamente na semana em que a tua filha nasceu — e, apesar de não veres ninguém atrás de ti, vês que a farmácia não tem tapete que limpe os pés, que tenha aqueles pelinhos ásperos que tu tanto gostas e que diga BOAS-VINDAS ou WELCOME numa cor diferente da que preenche maioritariamente o dito tapete; esta ausência faz-te pensar que se calhar não és bem-vindo àquela farmácia e que

ninguém te pediu para ires lá, tu que escolheste aquela apesar de existirem farmácias mais perto, tu que decoraste os 735 dias desde que a farmácia foi remodelada e que mais ninguém aparentemente parece saber; se calhar ninguém te quer, que és um, e cito, «desastre terrível», como a tua professora te chamava; e a tua depressão volta, e tu voltas a contemplar o suicídio e a maneira mais fácil de desapareceres dali, da farmácia e do mundo — foges naquele momento, pegas no carro e saís de AAC e vais para AAD ou AAE, ou então mudas definitivamente de país e vais para AAF onde arranjas uma vida nova e um novo emprego e, depois de teres assentado, de já teres uma pequena casa e um monovolume, comesças a procurar uma nova família, vais a um bar na cidade onde vives agora e comesças a falar com uma mulher, como estás a imaginar e isto está tudo na tua cabeça ela é naturalmente bonita, tem todos os aspectos positivos da tua mulher e nenhum defeito irritante dela. Começas a falar com ela no bar, dás-lhe um pingos de conversa, vão fumando uns cigarros — começaste a fumar desde que fugiste — e chega o dia em que ficas com o número dela; no dia seguinte ligas-lhe e ela atende logo e diz que tem saudades tuas e que gostava de te ver em casa dela, que por coincidência é ao pé do teu trabalho, onde ganhas mais do que nos correios porque já conseguiste ser promovido, e que por coincidência tu naquele dia podes sair mais cedo do trabalho e portanto vais a casa dela a tempo de jantar lá, se bem que tens aquela vontade secreta que ela não tenha preparado jantar nenhum; sentas-te no sofá, bebes um copo de água porque estás com a garganta seca — estás nervoso — eventualmente vão para a cama durante umas horas, beijam-se e abraçam-se, entretanto adormeces, não sem te lembrares que pela primeira em muitos anos conseguiste ir para a cama com alguém que não fosse pelo terrível hábito e comodidade de ser a única mulher com quem dormes. Quando acordas, ela pergunta-te se queres comer qualquer coisa, e tu lembras-te que ainda não lhe tinhas dito que odeias que te falem quando acordas, e que não comes nada de manhã, pelo menos até ao almoço, tentas explicar-lhe

que é uma espécie de idiosincrasia e que não controlas aquele enjoio matinal que sempre tiveste, que se comes alguma coisa até ao almoço ficas com os intestinos, e cito a tua avó, «virados do avesso»; tentas explicar-lhe isso, e ao mesmo tempo aprecia-la de roupão e chinelos rosa, parece mais nova do que é, vês a luz da janela a bater no seu cabelo e a sua perna encostada ao balcão enquanto ouve a tua história, pensas que estás num sonho e que tudo aquilo é bom demais para ser verdade, até que te lembras que estás de facto a sonhar e que nunca poderias fugir porque, afinal de contas, os teus filhos são um fardo horrível e entediante, verdadeiramente entediante, que tu vais ter de aturar durante talvez mais 25 anos, até porque percebes agora que nunca quiseste filhos, nunca os quiseste verdadeiramente, foram dois acidentes que tentaste acolher com um sorriso mais ou menos dissimulado, e como a tua mulher engordou com ambas as gravidezes viraste-te para as criaturas que criaram a súbita falta de interesse no corpo da tua mulher, viraste-te para elas num compromisso sádico e louco de querer servir os monstros que estragaram a tua vida e que vais ter de carregar para o resto da tua vida, tremes só de pensar que elas deverão estar no teu leito de morte quando tu sabes que só te apeteceria estar com o teu pai, de quem nunca percebeste se gostavas; percebes também que a tua filha mais nova não é assim tão bonita como a tua mulher pensa e portanto dificilmente há-de arranjar marido ou até namorado, dificultando a sua saída de casa — tu é que já não tens saída, estás condenado àquela casa que compraste, estás condenado a pagar o seu empréstimo, estás condenado a ter de beber café à noite para não acordares com enxaquecas de manhã, estás condenado a ter lixo nos bancos de trás no carro e, pior que tudo — achas tu, claro —, estás condenado a agradar à tua mulher, porque te casaste com ela e porque ela é tua mulher e tu sabes agora o erro que foi casar com ela, que foi conhecê-la até, gostaste dela e casaram-se, muito pela estabilidade que traria aos dois do que por outro amor; claro que houve amor, mas tu sabes que nunca houve paixão nem afectos fogosos

para com a tua mulher, e portanto fazes-lhe o que ela quer, seja na cozinha com os pratos, seja na casa de banho para não deixares as tuas unhas pelo chão, seja até mesmo na cama, onde ela te pede para tu lhe dares mordidelas nos sovacos enquanto lhe mexes com o indicador no umbigo — tu rejeitas tudo isso, tudo isso te parece um nojo, tudo — tudo — te repulsa até ao teu fim. Toda a história de vida, todos os teus planos, percebes agora que foram todos mal contados, mal contados por ti próprio, mal vividos pelas pessoas que te rodeiam e que fazem a tua vida na miséria que ela é. Apetece-te agora sair da farmácia fora e mandar a tua família toda à merda, dizer à tua filha para enfiar o dedo queimado no cu, destruir todos os relógios que estás a construir, não sem antes dizeres à tua mulher que a odeias em toda a tua plenitude e que apenas lhe desejas que lhe aconteça tudo de mau no resto da sua vida, que tudo lhe corra miseravelmente, que fique pobre, que fique desfigurada e que sobreviva aos seus filhos. Apetece-te pegar na sua cara, esbofeteá-la, berrar à sua frente, sem dizer nada de específico, berrar da raiva pura que te enche e bater-lhe, dar-lhe um pontapé com tanta força que ela não seria capaz de se levantar sozinha. Apetece-te fazer isso e todo um outro mundo de ideias que sabes que só terias conhecimento se saíesses agora mesmo da farmácia e fosses na sua direcção, para a sua casa, e lhe mostrasses que ainda tens alguma coisa a dizer sobre a tua vida e sobre o teu destino. No fundo, reclamas por justiça, pedes por algo que não tens e que mereces ter — uma réstia de dignidade para equilibrar o teu passado horrendo.

Mas pensas, Como é possível que eu imagine sequer deixar a minha mulher? Sabes perfeitamente o que fizeste há 13 anos e 5 meses, naquela tarde de Outono solarenga, em que o sol resvalava no seu cabelo como se fosse um manto de caramelo ondulante, naquele dia em que as folhas partiam com o mais simples toque dos teus pés, calçados pelos sapatos do teu pai que, lembras-te agora, pagou o teu casamento todo, igreja e copo-d'água, embora tu quisesses que ele não se metesse na puta da tua vida e te deixasse em paz, num sossego que ele sempre te

deu e tu sempre o choraste mas que, agora que ias ser independente, só querias que tudo aquilo desaparecesse naquele momento — incluindo a tua nova mulher — e pudesses continuar com a tua vida descansado; o teu pai, lembras-te que pensaste naquela altura, pagou o teu casamento para te dar uma última demonstração de poder e controlo sobre as coisas, mais importante, poder e controlo sobre ti, sobre o que era e não era acessível e possível no dia em que tu és o príncipe encantado e talvez no único em que não se fariam nenhuns cortes em despesas — mesmo assim o teu pai não quis servir lombo de atum, como tu pediste, mas pediu posta de atum porque, ele lembrou-to, era três vezes mais barato; tu não te importaste naquela altura, pensaste que atum era atum, da cauda à cabeça, mas quando viste as pessoas a cuspirem as espinhas, a começarem a sangrar das gengivas e, ainda pior, a dizer que tu tinhas pensado mais em cortar nos gastos do que agradecer aos teus convidados, sentiste uma raiva orgânica a correr pela tua pele, e digo orgânica porque sentiste que a raiva era tão natural como a tua própria respiração, era algo tão intenso, tão concentrado, mas ao mesmo tempo tão fluido, tão trabalhado, tão antigo, tão recalcado que te apercebeste que ele era e sempre tinha sido um traste, um mísero nojento, fechado e acima de tudo pouco — pouco, era assim que ele te aparecia — pouco, por achar que tu ias ser atacado por lebres com uma pressão de ar na mão — pouco — por pensar que tu eras fraco, que tu eras acanhado, que tu eras menos que ele, ou pior, que tu eras igual a ele, o mesmo que ser apenas razoável, apenas igual a muitos outros, que apenas se distinguia dos outros por não ter uma vontade apetecível que tu morresses lenta e dolorosamente, pelo simples facto de querer deixar descendência sanguínea — tu percebeste, naquele momento que odiavas o teu pai, e que apenas querias estar com ele durante a tua infância para lhe poderes berrar isso na cara, tal como querias berrar na cara da tua mulher há segundos, talvez lhe quisesses berrar também que a odeias, mas tu lembras-te exactamente do teu casamento, do pacto eterno que assinaste e

que ainda por cima aceitaste dizê-lo, perante 217 almas, confessaste-te apaixonado por aquela mulher prognata asmática que não sabia porque é que a letra x era a convencional para se tratar o limite básico da equação. Agora tu sabes em plena consciência que te casaste, que estás de facto casado há 13 anos e 5 meses, que tropeçaste a ir para o altar, e por pouco não caíste, que fizeste uma lua-de-mel na AAG, que tu sempre odiaste, tinha muitas moscas e o sol das cinco da tarde era insuportável, além de que a tua mulher no segundo dia, em cinco, teve um ataque de diarreia por causa da comida local que a limitou bastante em todas as actividades possíveis, que logo ali te retirou um mundo de atracção que sentias por ela porque, pela primeira vez, olhaste para a tua mulher como alguém a quem estavas preso, como um ser humano como qualquer outro, como um animal com necessidades fisiológicas, um ser que não aquela idealização angelical e superior que tu sempre fizeste, tu que pensavas que as mulheres tinham uma altivez qualquer que lhes dava algo de superior ao homem, A mulher suporta tudo e muito mais, era o que tu pensavas, mas quando estavas deitado na cama na AAG, a pensar se encomendavas uns morangos com chocolate para o quarto e por instinto olhaste para o lado e viste, com a porta totalmente aberta, a tua nova mulher aflita, num esforço monumental para não gritar nem dizer asneiras — ela própria deve ter alguns preconceitos em relação à mulher, pensaste tu — enquanto reventava com a canalização do hotel com um ataque intestinal apenas comparável às tuas refeições pré-almoço e te dizia, Ajuda-me amor, ajuda-me, dá-me a mão, e tu deste, tu deste-lhe a mão, à tua mulher de três dias que estava com um ataque de diarreia, esse que foi o teu acto mais corajoso, mais digno, mas ao mesmo tempo mais difícil de suportar e certamente um dos que deixou mais marcas no teu casamento, porque sempre que a tua mulher ia à casa de banho durante o vosso casamento tu só te conseguias lembrar daquele momento, daquela pinga de suor a cair pela testa dela, nada comparável ao aparente esforço que ela fez com as tuas duas filhas, o que até te fez pensar naquela

altura que ela talvez já tivesse tido mais filhos antes, como num negócio anual de entrega de bebês; essa mulher que tu dizes que amas, as filhas resultantes de duas noites em que tu bebeste demais, sendo que numa delas lembras-te vivamente de ver a tua mulher a soluçar depois de a teres arrastado para a cama e te teres servido, ela que depois também fingiu estar contente com um segundo bebé — a tua mulher e as tuas duas filhas são a súmula de tudo o que tu fizeste, tudo o que tu não fizeste, tudo o que mereces, tudo aquilo para o qual trabalhaste, tudo aquilo que querias e tudo aquilo que fizeste para o ter, a tua razão contra a razão do Mundo. Tu criaste a tua infelicidade; a tua mulher e filhas são tuas, e tu devias sentir-te feliz com isso. Tu não podes deixar a tua família, porque são a desgraça, a tua própria desgraça. Pensas que és pai de algo, que criaste alguma coisa. Isso alivia-te.

Na farmácia não há fila, está apenas uma pessoa já no fim de ser atendida e portanto tu comesças a andar em frente, em direcção ao balcão iluminado directamente pelos dois candeeiros, provavelmente comprados na AAI, um lugar que tu já estás para ir há algum tempo, porque te falta qualquer coisa que agora não te consegues lembrar — se não te lembras é mentira, ouvias tu quando eras pequeno, não te lembras também quem é que te dizia isto, lembras-te de muita coisa, pensas tu, mas nem sempre te lembras quem é que te disse tal coisa, as tuas reminiscências são exageradas, são demasiado vívidas, demasiado existentes, e isso causa-te algum desconforto, porque agora estás a pensar e a lembrar, mas não te esqueces que estás a andar em frente e que agora seria estranho parares, olhares para o lado e veres os cremes que estão ao teu lado na prateleira da esquerda, que agora parece mais comprida, porque agora a vês com uma perspectiva diferente, agora estás em condições de a abraçar, ou de tentar abraçá-la; a prateleira parece-te tão grande, tão cheia, sempre a segurar tudo sem restrições, sem queixas, sem motivos de descontentamento, porque aquela é a sua função — segurar, manter, conservar acima do chão. Tu apercebes-te

disso, que as prateleiras não perguntam o que é que vão segurar, o que é a coisa que vão segurar, qual é a sua motivação, se vão ganhar alguma coisa com aquilo, tu se pudesses dizias-lhes que se guardarem alguma coisa podem não ganhar nada, mas com isso não ganham pó, que é que tu sentes no fundo, pois agora fechas a metáfora com uma introspecção — tu não és uma prateleira normal; tu tens sonhos, perguntas, inquietações, ideias, hábitos e idiotices que precisam de ser expostas e analisadas, talvez até mesmo estudadas, precisas de apanhar sol, mesmo sendo pálido precisas de viajar até ao Sol e subir e ascender e ver a Luz e a origem das coisas naturais, saber qual é o centro do conhecimento e da vida, a raiz de todos os números, a explicação para tudo o que é, o início primitivo e rústico e o fim das prateleiras, que se irão ajoelhar perante os movimentos eróticos e subtis das gavetas e a força contrariante que os cabides espalham no Mundo, tu queres isso tudo, queres as palavras, as frases, os discursos, as pessoas, os segredos, as cores todas, todos os espectros cromáticos de emoções, porque tu queres confirmar, agora, a tua teoria de há muito que as emoções têm cores e que a sua libertação é o que pinta o mundo, muito como a poesia que te reveste e que tu percebeste porque sempre gostaste de poesia ao ponto de te lembrares do teu pai a ouvir um homem cuja face ignoras — aí é que está o mistério encantador — a declamar um poeta de há 2 séculos que fazia poemas enormes e que rimavam e o teu pai obrigava-te a ouvir aquela poesia antes de ires para a cama e embora tu nunca soubesses porquê tu gostavas de ouvir aquilo talvez porque te reconfortava talvez porque tinhas uma vocação poética que nunca chegaste a descobrir talvez porque era uma forma de estares distraído talvez nem gostasses assim mas a nostalgia dá-te a certeza que havia qualquer coisa que tu gostavas ou que então havia para gostar mas nunca chegaste a descobrir ou então era simplesmente porque era das poucas alturas em que o teu pai não te rejeitava nem te punha de lado pois mesmo nos dias em que ele ia à caça punha-te a ouvir aquele homem a declamar aquele poeta na rádio; tu

queres tudo, queres ascender, mas estás coberto do pó que aquela prateleira não tem. Apesar disso tu não te impressionas com o ar limpo da prateleira; a verdade é que tu já sabes por indução bruta, que existe — e existe de facto — uma empregada da limpeza a cuidar daquela farmácia à noite ou de manhã ou entre turnos, ou seja, a prateleira tem alguém que a limpe, alguém que cuide dela, alguém que se preocupa com o seu bem-estar, e que ainda por cima não pergunta também porquê, ou o que é uma prateleira, ou qual é acção correcta, se limpar a prateleira ou dar à prateleira um pano e ensiná-la a limpar-se sozinha. Tu comesças a pensar qual seria a empregada na tua vida, e a tua primeira hipótese vai directamente para a tua mulher, o teu sustentáculo amoroso e financeiro, pelo menos a nível matrimonial — porque tu sempre quiseste ser o amante mais novo de uma porca qualquer que vivesse para os lados de AAJ; mas a tua mulher não pode ser a tua empregada, porque ela não faz nada daquilo que tu realmente precisas, nada daquilo que tu realmente queres — ser deixado em paz e sossego, tu e os teus relógios, que talvez nem faças assim tão bem, já que tu tens tendência para exagerar nas tuas aptidões; talvez a tua professora tenha razão; talvez as tuas filhas sejam as tuas empregadas, talvez tenhas duas empregadas em vez de uma apenas — e se fores um privilegiado, se não fores só uma prateleira, mas uma loja inteira, um universo maior que o resto, maior que os outros universos existentes, o resultado de muitas outras coisas que existiram antes de ti, culturas que absorveram culturas, esperma que veio a recolher esperma, uma história toda a contar-se de novo, mas em estado maior, num estado de graça que tu não controlas nem dominas, porque ele se domina e se controla a si próprio. Tu és esse estado. Tu nunca te regeste por regras, pelo menos aos outros; és um animal selvagem, descontrolado, imenso, animal em si. Mas como?, como diria AAK, como é que é sequer possível que tu penses que és livre ou selvagem? Tu sabes perfeitamente que és casado, que tens dois futuros eleitores para cuidar e garantir que chegam a pagar impostos na sua vida e que,

com essa tua depressão que tentas esconder cozinhando cada vez e tentando engordar, apesar de estares a emagrecer a uma velocidade assustadora, nunca conseguirias fazer nada por vontade própria ou agir por pura rebeldia — olhas de repente para onde estás e percebes que estás numa farmácia. A fazer o quê? A comprar uma coisa qualquer para a tua filha, não é? E ainda queres ser livre? O que é que estás a fazer? Como é que foste parar aí? Começas a respirar mais depressa, a farmácia começa a andar rapidamente à volta, em voltas elípticas perfeitas para as vertigens que estás a começar a criar dentro de ti. Percebes que estás de facto desesperado e que de facto a única alternativa é o suicídio, seria inútil pensar o contrário, tu até pensas que é impossível teres refutado o suicídio mesmo há bocado, porque tu agora percebes que as tuas filhas nunca sentiriam a falta que tu achas que elas sentiriam porque tu, apesar de não seres mau pai, desde sempre deixaste a maior parte das tarefas à tua mulher, seja porque consideravas as tuas filhas como acidentes seja porque queres vingança da diarreia da tua mulher; o problema é que, e isto revela-se um facto que te disturba, és igual ao teu pai, és de facto igual a ele, és a extensão óbvia, a continuação masculina de tudo aquilo que tu repudias — tu negligencias as tuas filhas, não porque as consideras um acidente, mas porque o teu pai te negligenciava, e pelo caminho percebes que perdeste a contra-reforma na educação e presença familiar que as pessoas costumam ter. E o teu pai, pensas tu, negligenciou-te porque ou era muito másculo, coisa que tu nunca foste realmente, ou porque tu eras um acidente tal como as tuas filhas, ou então porque ele próprio também foi negligenciado pelo seu pai — e de súbito tu sentes uma empatia que nunca sentiste por ele. Tu percebe-lo, pela primeira vez na vida tu entendes perfeitamente os seus actos, as suas decisões. Ele não te deixava ir caçar pelo mesmo motivo que vieste à farmácia: porque apesar de tu seres o acidente do teu pai e a tua filha ser o teu acidente, não deixam de ser vossos, criados por vocês, e quando aceitaram tê-los e criá-los, aceitaram também servi-los e protegê-los para que eles

pudessem continuar esta cadeia de acidente e subserviência. E aí tu admiras-te como é que nunca chegaste à conclusão a que chegas agora: tu és um, numa cadeia que remonta até ao ponto em que a tua família se iniciou, uma cadeia de homens geradores de homens, de donos sobre donos, mestres sobre mestres, negligência e dominância por toda a cadeia familiar desde que o tempo se lembra e, se por um lado fazes parte de algo, de um elo sanguíneo ancestral de quem tu próprio és criador e criado, por outro és o elo que rompe essa cadeia porque tiveste duas filhas que são tontinhas o suficiente para serem mulheres normais e que portanto nunca serão estranhas aos filhos; mas, para isso, tens outra missão a desempenhar: tens de continuar a negligenciá-las, a considerá-las acidentes. Deves isso ao teu pai, ao teu avô, aos teus antepassados. Não podes deixar uma cadeia de maus tratos morrer em ti, demasiada gente se sacrificou para que tal ritual não morresse. Mas tu só tens duas filhas, como pode o ritual continuar? Já sabes, sabes bem, tens de sair da farmácia, porque a tua filha não pode merecer o cuidado que lhe dás e quando chegares a casa engravidas a tua mulher as vezes que forem preciso até ela te dar um rapaz, uma continuação perfeita, um não-acidente, uma continuação, uma razão para continuares a tua vida. Pertences a algo, tens que o fazer. Viras-te para trás e comesças a andar, apressado.

Queres voltar para trás, estás determinado a pôr o teu plano em marcha. Sentes-te renovado por finalmente perceberes o teu pai e conseguires estar do lado dele, ao mesmo tempo que finalmente percebes e assumes plenamente que a tua mulher e as tuas filhas foram o maior desastre que já te aconteceu. Quando estás a chegar à porta da farmácia olhas sem pensar para a direita. Vês um homem pequeno, atarracado, de pele morena, com olhos muito grandes e protuberantes de um azul intenso. De facto, a sua cara disforme e os seus olhos invulgarmente salientes são as suas principais características, mas tu focas-te mais nos pequenos detalhes, que tu consideras pequenos, precisamente porque os notaste tão perfeitamente. Tem uma longa

sobrancelha espessa e homogénea que vai de um olho ao outro sem interrupções, falta de algum cabelo no parietal, e o resto do cabelo é muito claro, quase transparente; tem as unhas roídas; usa uma camisa larga com umas calças velhas e rotas. Apercebes-te de sinais ainda mais pequenos, como uma pequena cicatriz vermelha que ele tem na testa em que não pára de mexer desde que olha para ti; tem algumas rugas, mas parece-te sem dúvida mais novo que realmente é; e vês, de forma muito subtil, que ele mexe ligeiramente os lábios, como se estivesse constantemente a tentar sorrir, mas apenas conseguindo um tique nervoso e triste. Parece que não dorme há dias e os seus olhos, para os quais tu olhas outra vez, reflectem uma tristeza que tu pensas que nunca conseguirias imaginar. Apercebes-te que aquele homem já passou por muito e que foi vencido por tudo ao mesmo tempo, enquanto provavelmente apenas queria que o amassem, que alguém aceitasse aquele seu aspecto grotesco, aquela ligeira corcunda taciturna, aquela maneira de ser triste. É um homem muito magro, que claramente estará na farmácia para arranjar qualquer tipo de medicamentos que o mantenham vivo, que aguentem aquele corpo em pé, que sustentem tamanho abismo. As suas mãos estão gastas e moídas, como se tivesse dedicado a sua vida a algum trabalho manual e as unhas, como já reparaste, estão já sem sabugo, quase em sangue, infectadas nos cantos. Não sabes o que sentir quando olhas para esse homem: é um homem odiável, verdadeiramente odiável, sem nenhuma vontade de satisfazer ninguém, nem ele próprio, e tu odeia-lo por perceberes que aquele homem não tem nada, que ninguém depende dele, que não tem uma mulher nem filhas a pedir-lhe cremes e jantares, nem tem o pai a dizer-lhe como é que deve ser a sua vida; ele vai à farmácia por si, para si, sem ninguém lhe pedir absolutamente nada. Apertas os punhos — o ódio chega-te ao sangue, e corre nele furiosamente. Aquele homem sim é livre, absolutamente livre de fazer o que quer. Mas mesmo assim, mesmo olhando para aquele homem e vendo que ele tem tudo aquilo que tu tens desejado, não deixas de sentir pena e empatia

por ele. O homem está claramente gasto, em corpo e em mente. Já conquistou tudo, já viajou por todo o lado, já leu tudo o que tinha para ler, mas ainda se preocupa com a sua manutenção, com a sua sobrevivência, com a perpetuação da verdade da sua existência. Ele já foi tudo o que tu queres ser, já o fez tudo, e agora vive meramente por viver, respira meramente porque talvez nem o controla, enquanto tu agora tens que perpetuar os ensinamentos do teu pai e a maneira como ele te educou. Mas aquele homem, o homem naquele estado, naquela morte pesada e genuína faz-te amá-lo, amá-lo por compaixão, por perceberes que não és assim tão diferente dele, ou pelo menos não pretendes ser. E é aí que percebes que nunca um espelho reflectiu tão bem aquilo que tu és por dentro. Numa iluminação genial, como tiveste momentos antes, lembras-te dos anos que passaram — decidiste fazer relógios como negócio da tua vida, investindo tudo em ferramentas; correu terrivelmente mal. Entretanto ficaste estéril e declaraste falência, logo antes de a tua mulher ter um esgotamento e deixar-te, dizendo, e cito, «farta disto tudo, deste buraco sem fundo». As tuas filhas quiseram partir com a mãe, e enquanto nos primeiros anos as vias duas ou três vezes por ano, agora não as vês há 2 anos porque foram para a universidade e têm mais que fazer. A tua mulher nunca gostou dos teus cozinhados, na verdade sempre os odiou, mas queria apenas tentar aguentar o casamento, que foi piorando porque tu quiseste continuar os teus cozinhados e agora lembras-te que ela te disse isso na cara, que és horrível e que não vales nada. Estás velho, porque o tempo nunca parou, por muitos relógios que tenhas partido. Agora sim, percebes que o suicídio não pode ser solução, nem nunca o foi, porque tu és odiável, sim, mas deves abraçar e amar a desgraça e a miséria que tu criaste.

Lembras-te do que aconteceu ao teu pai. Sim, claro.

Um ponto deitado sobre o infinito

Gonçalo Losada Rodrigues

Acordo abraçado a um poste de electricidade. Levanto-me, e enquanto me espreguiço apercebo-me de algo que se ergue, furioso, com uma força antiga, que já não me lembrava de ter. Começo a dirigir-me para casa, e não deixo de reparar nos olhares que se vão debruçando sobre mim. As pessoas interrompem-se no seu percurso. Apontam o dedo crítico, indignado, para a natureza suprema da minha virilidade, para a nobreza que se arredonda por entre as pernas e se agita e responde contra a indignação como uma arma que faz de alvo todas as cabeças.

(Podia matá-los todos com um só tiro.)

Ninguém estranha ver-me andar pela rua de pijama azul, com as calças curtas a acabarem-se-me por cima dos tornozelos e os chinelos rotos desvendando as unhas frágeis dos pés. Mas não deixam de reparar naquele velho que anda de arma apontada a toda a gente, para a gigante virilidade do idoso, que ainda é capaz de pôr a cabeça de fora com uma saúde que quem dera a muitos jovens. Eu também não deixo de me surpreender, já há

muito que não tinha um destes. Apesar de a noite ter sido curta, foi a que melhor dormi nos últimos tempos. Aquele poste era verdadeiramente confortável. Olho em volta e tenho a certeza de toda a cidade estar sem luz, como se aquele falo de metal tivesse transferido para o meu falo de carne toda a energia da cidade. Acelero o passo. Quero chegar a casa e ligar para a minha prostituta de estimação. É absolutamente necessário condensar toda esta energia num gesto preciso, disruptivo, e oferecer-lha, que ela merece.

*

Reformara-me há uns dias. Era já uma ambição antiga, agora teria tempo para me escrever, para escrever as minhas memórias. Andava pela rua de um lado para o outro, à procura das palavras que me poderiam descrever. Liberdade é ter tempo. E eu tinha todo o tempo do mundo, mas não tinha tido vida que merecesse ser contada. Liberdade é ter tempo e nunca o tive. Agarrava-me à rotina, ao despertador que tocava todos os dias à mesma hora, aos gestos exaustivos, repetidos com a precisão necessária para que tudo fosse absolutamente igual. Preenchi três páginas sem densidade e estava feito. As minhas memórias podiam ser escritas como se escreve uma lista de supermercado: despertador, acordar, masturbação, pequeno-almoço, defecar e urinar, tomar banho, lavar os dentes, mochila às costas, sair de casa, autocarro, comboio, trabalho, mails, telefone, chatices, almoço, trabalho, mails, telefone, chatices, sair do trabalho, comboio, autocarro, casa, jantar, tratar da marmitta, vestir o pijama, defecar e urinar, lavar os dentes, definir o despertador, masturbação, dormir. Feito. Que tristeza.

Reparei, entretanto, num grupo de adolescentes no cimo de uma encosta. Escondidos atrás de uma árvore, conspiravam, debruçados sobre um volumoso saco de plástico. Aos jovens, ainda ignorantes e eternos, nada mais lhes resta senão conspirar contra a ascendência que lhes impõe as regras —

têm de crescer, dizem-lhes constantemente, têm de se preparar para ser grandes, sustentem-se, subordinem-se ao mal necessário para serem independentes, façam como os outros, sejam os outros, façam como lhes mostram e poderão ser tão infelizes quanto eles. Um deles tira cuidadosamente do saco um balão de água demasiado cheio e lança-o contra um carro que passa na estrada em baixo. À medida que desce, o balão ganha velocidade, deixando para trás um rasto de cor, antes de se desfazer em água, quando embate com estrondo no carro. Os jovens riem, alegres, e apressam-se a esvaziar o saco contra todos os carros que vão passando. A alegria é isto: um balão de água que se desfaz ao embater na realidade. A certa altura, um dos carros pára, desce o vidro, e uma mulher grita lá de dentro contra a merda das crianças, que é perigoso, podia ter tido um acidente e que vai chamar a polícia. O carro arranca. Os jovens olham uns para os outros, hesitantes. Um deles sorri, já só resta um balão, mais vale acabar com o saco. Pega nele. De repente, lembro-me: «Aquele que nunca pecou que atire a primeira pedra». E não penso duas vezes, agarro numa pedra e atiro-a na direcção da estrada, um segundo depois de ele lançar o balão. A pedra vai embater violentamente no vidro frontal de um carro, ao mesmo tempo que o balão rebenta, e o carro guina em direcção à ribeira que se estende do lado contrário. Os jovens, estáticos, sem se aperceberem do que aconteceu olham atentos para o cenário do crime. Pensam ter matado alguém. Se era para ser este o resultado, mais valia terem pegado numa faca e ter atacado pessoas indiscriminadamente. Se o objectivo fosse matar, antes tivessem colocado nesse gesto todo o dramatismo que a idade lhes exige. Vê-se lá em baixo uma pessoa sair do carro. Não há mortos. Ouvem-se sirenes e os miúdos arredondam os olhos uns nos outros antes de começarem a fugir. Dou meia-volta e começo a subir a rua, rumo a casa. No caminho, vejo a polícia meter um dos miúdos no carro. Estendo o indicador e acuso: Vi esse rapaz atirar uma pedra contra um carro, ali, naquela encosta. Ele chora,

faz que não com a cabeça. Diz: Era um balão de água. Jura pela mãe. O carro da polícia arranca.

Ainda me vão agradecer, estes jovens, por lhes ter oferecido uma história. Enquanto são novos, não sabem que precisam de uma, depois de envelhecerem, não têm como criá-la. Serei a nota de rodapé mais importante das memórias deles. Dirão: Lembram-se do velho que nos acusou? Fomos levados para a esquadra, tivemos de ir a tribunal. Continuarão confusos: era um balão de água, não sei o que pode ter acontecido. Talvez hoje em dia transformar água em vinho não seja milagre suficiente, em vez disso a água transforma-se em pedra e a pedra manda um carro por uma ribeira a baixo. A moral será a mesma: o novo vinho é melhor que o antigo; destruir é o gesto necessário para criar. Orgulhar-se-ão de ter vivido a juventude e a prova disso é uma linha sem importância no cadastro, e sorrirão recordando-se como rebeldes, jovens inconformados que nunca foram.

Ao chegar à minha rua, vejo uma mulher gordíssima encostada a um carro. Fuma avidamente um cigarro, masca uma pastilha. Sorri-me. Baixo a cabeça, mas em vez de virar para o meu prédio dou mais alguns passos até ao café. Bebo uma cerveja, peço outra para ganhar coragem. Olho para a carteira: umas moedas insuficientes. Termino a cerveja, volto atrás, e passo pela mulher que me volta a sorrir. Sou incapaz de encará-la de carteira vazia. Vou ao multibanco e regresso à minha rua, onde a mulher me espera. Ao passar por ela, com um gesto de cabeça, indico-lhe que me siga. Caminha ao meu lado, silenciosa mas confiante, como se me dissesse: percebi que gostaste de mim a primeira vez que passaste.

Quanto é?, pergunto

25.

Até na rua se sente a inflação. Ainda assim, assinto. Gosto que seja poupada nas palavras, como se tivesse medo que a sua voz me desagradasse. A voz humaniza o corpo e se a vejo como pessoa posso mudar de ideias. É uma timidez matreira, esta. Chegados a casa, pede-me para utilizar a casa de banho. Não

fecha a porta. Vejo-a despir-se, aproxima-se do bidé e passa a vagina por água. É preciso tirar o anterior cliente do corpo. Sai da casa de banho. Reparo como a franja cai, oleosa, sobre as sobrancelhas. Tentativa fútil de esconder a idade. Para cima de quarentas, sem dúvida. As mamas, inchadíssimas, caem-lhe sobre a barriga que, apesar de ser enorme, é incapaz de as sustentar. Os mamilos, em vez de me encararem, são duas pequeníssimas setas a indicar o sentido da gravidade.

Não te despes?, pergunta-me.

Fixo-a sem responder. Sinto-lhe o desconforto, a dúvida. Aponto para um armário. Digo-lhe que o abra e que escolha um prato. Não se mexe, interrogativa. Vou à carteira, tiro os 25 paus e deixo-os sobre a mesa. Repito: Escolhe um prato. Ela abre o armário, pega no primeiro prato que encontra e olha para mim, desconfiada.

Parte-o, ordeno.

Hesita, mais uma vez.

Vá, faz o que te digo.

Ela deixa-o cair. Não se parte. Faço-lhe sinal, outra vez. Repete o gesto com maior convicção. O prato parte-se ao meio.

Digo-lhe: tenho a certeza que consegues fazer melhor. Escolhe outro.

Frustrada, dirige-se para o armário. Agarra em dois pratos e destrói-os contra o chão. Ri-se e rio-me com ela.

Ainda tens o armário cheio.

Ela volta-se para o armário e começa a destruir a loiça indiscriminadamente. Dança, feliz, por entre estilhaços de porcelana, que se vão espalhando em volta. Concentro-me no corpo da mulher: vejo as mamas tornarem-se firmes, a barriga a encolher, a franja a adequar-se-lhe ao formato da cara. Rejuvenesce à minha frente. No fim, depois de tudo destruído, veste-se e sai. Tenho a certeza que, nessa tarde, terá feito mais dinheiro do que num mês inteiro de trabalho. Os homens, os clientes dela, ainda preferem a inocência juvenil, o brilho infantil que pede para ser corrompido, estilhaçado.

Dirijo-me para o parque. Ao chegar, vejo um velho, de pés descalços, excêntricos, sobre a relva, sentado num banco de jardim. Sento-me ao seu lado e começo a contar a história da prostituta. Procuo deliberadamente chocá-lo, atingir os alicerces conservadores da sua educação.

Ele mantém-se sorridente durante o meu relato. Vim a saber mais tarde que o sorriso do homem é defeito profissional. Apenas uma cortesia. Durante toda a vida serviu os outros. Trabalhou em cafés, restaurantes, foi varredor e homem do lixo. Enfim, servia os outros e sorria. Aprendeu que sorrir era necessário para servir os outros. Estende a mão, apresenta-se: Almir. Ouve a história da prostituta e lembra-se da mulher. Conta-me que, quando era novo, sofria de clorofobia, o medo irracional de verde. Evitava tudo o que tivesse essa cor, era até incapaz de pisar a relva. Um dia, viu uma mulher vestida de verde e apaixonou-se. Era a sua mulher. A primeira vez que fizeram amor, pediu-lhe que usasse a mesma roupa que vestira quando se conheceram. Almir tinha medo de ser corrompido pelo verde (significaria isto que temia ser corrompido pela esperança?); depois corrompeu a mulher — o gesto da posse. Possuí-la foi transformar-se no corruptor. O verde passava assim a ter a marca do seu corpo, do seu odor masculino. O verde tinha o seu cheiro. Ao possuir a mulher, possuía a cor. E tinha perdido o medo. Durante os quarenta anos em que se mantiveram casados, pedia sempre à mulher que vestisse o mesmo vestido verde antes de fazerem amor. Quando ela morreu, foi com esse mesmo vestido que foi enterrada. E ele agora limita-se a passar os dias no jardim. Pergunto-lhe porquê, o que faz o dia inteiro ali sentado.

Observo e penso, responde-me.

Não sei o que isto significa, mas depois desse dia comecei a visitá-lo regularmente.

Nessa noite, ao chegar a casa, pus-me a pensar nestes episódios. Eles têm vida, a prostituta e o velho. Aos jovens, ofereci uma. Todos têm história, todos têm muito mais a dizer do que eu. Olho pela janela. A cidade cresceu desde que me mudei

para aqui. A periferia tornou-se o centro, e todos os dias esse centro se desvia um pouco, muda de sítio. Gostava de me sentir esse centro, o local exacto de onde tudo se expande, para onde tudo converge. Na rua, os carros alinham-se perfeitamente de um lado e do outro da estrada. Pego numa vareta, dobro-lhe a ponta e desço as escadas. Um por um, vou abrindo os carros, ligo-os e estaciono-os num outro sítio. Pequenos desvios, ora um pouco mais à frente, ora mais atrás. De manhã, as pessoas, habituadas à rotina, ficarão confusas por um segundo, antes de encontrarem os carros. Sentirão essa hesitação como uma pequena eternidade. Um pequeno infinito. Se todos os dias conseguirmos, através de ínfimas sabotagens, atrasar o crescimento da cidade, serei capaz de acompanhá-la, encontrar-lhe o centro, tornar-me, ainda que momentaneamente, esse centro. Essa será a minha memória, a minha imortalidade.

*

Chego a casa. Pelo caminho, fui reparando para que lado crescia a cidade. É essencial descobrir-lhe os desvios. Ligo para a minha prostituta. Enquanto a espero, vou tomar um duche. Olho-me ao espelho: o que será que ela vai pensar quando me vir assim? Depois do duche, visto o melhor fato que tenho para a ocasião. Ela está demorada. Tocam à porta.

A prostituta entra, sobressaltada. Justifica o atraso com o trânsito, alonga-se nos gestos, não repara em mim. Vejo-a desalinhada.

Ele pagou-te?, pergunto-lhe.

Atravessa-me com o olhar. Demora-se no meu rosto, abre a boca como que para me perguntar o que se passou. Interrompo-a:

Ele pagou-te?

Finge não entender a pergunta, acende um cigarro.

Viro-me de costas para ela, vou até à janela e corro os estores. Sem o dizer, agradece-me. A claridade incomoda-a. O meu aspecto também.

Repito mais uma vez a pergunta.

Quem?

O homem com quem estiveste ainda agora, mesmo antes de vires ter comigo.

Não, responde-me.

Era um homem do seu passado. Um daqueles impossíveis de se esquecer. Um amor inicial, um dos primeiros, se não o primeiro. (Para as mulheres, o único amor é o primeiro; as restantes relações são apenas a transferência desse amor primordial para outros homens.) Encontrou-o quando vinha a caminho de minha casa e foi-lhe impossível resistir. Chamemos-lhe recordação — e o que ela queria recordar não era o seu primeiro amor. Queria recordar-se a ela própria antes disto tudo. Antes de ser prostituta, antes da amargura da repetição. Queria recordar-se da inocência. Por algum motivo, penso que o nosso primeiro encontro tem alguma responsabilidade nisto. Procurava-se naquele corpo familiar, evocativo de um outro tempo. Mas, desta vez, o sexo tinha sido ainda pior do que o sexo juvenil. Perdera-se o mistério. A paixão estava lá, a vontade também, mas a isso juntava-se a experiência — a de prostituta — e o homem, ao fim de uns escassos minutos, já tinha acabado. A recordação tornara-se, assim, impossível. Dou-lhe uma nota, despeço-me dela, não a tornarei a ver. Tento um sorriso serviçal, como o do Almir, e talvez pela falta de hábito, tenho a certeza de parecer um louco.

Pergunto-lhe: E agora, o que vais fazer?

Vou trabalhar, claro.

Amo esta mulher. Sente-se culpada e mente-me para me poupar. À sua maneira, sei que também me ama. Sei que, saindo daqui, vai voltar a encontrar-se com ele, vai insistir numa recordação que se perdeu, inevitavelmente. Insistirá no erro o tempo necessário para justificar a sua decisão, sem hesitar, sem olhar para trás, até lhe parecer correcto.

Já é tarde. Apanho o comboio para ir até ao parque. Ao meu lado senta-se um homem de olhos rasgados, vestido de

roxo e amarelo, perfeitamente penteado, com gel a sobrecarregar um risco ao meio, alinhadíssimo. Não estranha o meu aspecto. Pergunta-me, a gaguejar, como se fosse incapaz de controlar a saliva na boca, se vou trabalhar. Digo-lhe que não, vou passear. Vou visitar um amigo que está a ficar cego. Talvez me devesse vestir como tu, de cores berrantes, para que ele me possa ver como deve ser.

É a vida, responde-me.

Sim, pois é. E tu, vais trabalhar?

Não. É a vida.

Falo-lhe um pouco das minhas ideias. Digo-lhe: é essencial sabotar a cidade, sabotar o dia-a-dia.

Responde-me, a custo: É a vida. A única resposta adequada que me consegue transmitir. É a vida. Resposta sábia. Sim, é isso mesmo, digo, é preciso sabotar a vida. Em vez disso, limitamos a repetir essa frase, sem saber quando aplicá-la. Mas tu sabes. Talvez devesse mandar em nós todos.

Sim, sim, diz-me convicto, é a vida, é a vida, e continua a repetir a frase enquanto me despeço.

Chego ao parque, aproximo-me do Almir. Já faz tempo que não o visitava, desde que ele me disse que estava a cegar, condição que, devo confessar, aceitou bastante melhor do que eu. Depois de me ter contado, senti que as minhas histórias já não lhe bastavam, era necessário chocá-lo visualmente, causar-lhe repulsa, havia a necessidade de destruir tudo. Sem recomeço ou continuação. A necessidade de obliterar, de me livrar das coisas, um despojamento absoluto. Se é que é possível. Libertar-me do nome, da identidade. Mas e do corpo? Nada a fazer senão metamorfoseá-lo, transmutá-lo, mudá-lo completamente. Tornar-me irreconhecível. Fazer a barba, primeiro. Oferecer-me um aspecto limpo. Tomar um longo banho, perfumar-me, vestir um fato. Ser homem aos olhos dos homens. Depois, arrancar a manga do fato, cortar as calças acima dos joelhos, mostrar as meias coloridas, contrastantes. Acrescente-se uns golpes violentos no rosto, a deformação dos lábios, o cabelo

toscamente cortado. Alimentar-me continuamente de merda. Engordar. Repito: engordar. Engordar, desproporcionalmente. Reinventar as formas do corpo. A locomoção pesada, os joelhos inexistentes. Apenas gordura mórbida, inconveniente. Corpo indesejável, ignobilmente indesejável. A destruição absoluta: a impossibilidade de ser amado. Almir olha para mim e, sem surpresa, sorri. Apesar da minha mudança, reconhece-me. Fica contente por me ver. Volto a falar-lhe da prostituta. Não me ouve. Em que pensarás tu, Almir? No universo? Mudo de assunto, falo-lhe então do universo:

A «hipótese do átomo primordial», digo, mais conhecida por teoria do big-bang, define que a origem do universo se deve a uma grande explosão. Em 1927, George Lemaître defende que a contínua expansão do universo se deve à explosão inicial de um átomo primordial. Dois anos mais tarde, Hubble vai defender que no início do espaço-tempo o universo estava em si todo compactado. É o início da primeira idade: um jogo de infinitos. O universo era infinitamente pequeno e infinitamente compacto. Depois deu-se, então, o tal big-bang, que causou a dispersão da matéria. E, desde esse momento, a matéria não cessou de se movimentar, expandindo-se, fugindo do ponto original da explosão, fugindo de si própria como matéria original. Agora pensa nesta matéria original. Imagina-a um ponto, um ponto impossível, infinito em todas as suas possibilidades: um ponto de uma densidade inconcebível, infinitamente pequeno e infinitamente gigante. Era o infinito-tudo e o infinito-nada. Uno, contudo, enquanto reunião de todos os porvires.

Almir não me ouve, não pensa nestes assuntos do universo. Limita-se a observar as pessoas concentrando-se num grupo de crianças que, junto a si, brinca. Quase cego, de concreto resta-lhe apenas a imaginação, já que os seus olhos mal são capazes de lhe oferecer mais do que um conjunto de cores e de movimentos. Quando lhe pergunto como passa os dias responde-me apenas: Observo e penso. Mas em que pensarás tu, Almir?

As crianças encontram-se todas juntas, aglomeradas em volta de uma árvore. Os olhos de Almir, motivados pela distância, transformam-nas num ponto multicolor: um ponto infinitamente pequeno. De repente, chega-nos o som de uma contagem.

Um, dois, três, quatro, cinco.

E as crianças irrompem numa correria, em aparência aleatória, fugindo do ponto central de onde se encontravam. Estão a jogar às escondidas.

Continuo: É crescente, a expansão do universo. Mas, a certa altura, este processo chegará ao fim e iniciar-se-á um processo de regressão. Ou seja, o universo vai começar a contrair-se sobre si mesmo. Parará de crescer e voltará a aproximar-se daquele átomo primordial que a dado momento foi. E se teve na sua origem uma explosão, encontrará, de certeza, numa implosão o seu fim.

Aos poucos, uma a uma, as crianças vão sendo encontradas e retomam ao ponto de origem para poderem recomeçar o jogo. E nesta imagem difusa de cores que se afastam de um ponto para nele se voltarem a reunir, Almir poderia descobrir um paralelismo com a história do universo. Mas Almir não me ouve, não é na história do universo que pensa.

Ou será?

Ao observar o movimento das crianças — porque, sim, o velho Almir sabe instintivamente que são crianças — imagina-as todas concentradas numa imagem: na imagem de um único bebé. Um bebé é um infinito-tudo e um infinito-nada. É um fragmento ainda por se fragmentar. É já, tal como eu, pensa Almir, uma ruína. Uno, contudo, enquanto reunião de todos os porvires. Ao ver este conjunto de crianças, que constantemente se dispersa e se reúne, ele imagina que elas tiveram em comum o mesmo ponto de origem, e que cada uma delas é apenas a concretização de cada possibilidade. Tal como ele. As crianças crescem, expandem-se tal como o jovem universo se expande. Mas chegará o dia em que o peso da idade cairá sobre elas, contraindo-as, transformando-as, nessa altura, em algo muito semelhante ao velho que agora as observa. Todos origem do mesmo ponto. Todos fim do mesmo ponto.

Apercebo-me de que Almir e eu, ainda que de formas distintas, procuramos a mesma coisa. Almir pensa nesse momento, no momento em que voltará a ser um só ponto, um ponto deitado sobre o infinito.

Já começa a anoitecer, despeço-me. É na hora de dormir que começa a minha rotina. Todas as noites faço assim: vou à casa de banho, sento-me na sanita e esvazio de mim o peso de toda a realidade, lavo os dentes, visto o pijama, calço as pantufas e saio porta fora. Caminho, confiante, serpenteando as ruas labirínticas, até chegar ao centro exacto da cidade. Aí, dir-se-ia, estou frente a frente com o meu infinito.

(Veja-se: a cidade, como regra incontornável do crescimento humano, muda todos os dias, destrói-se o velho e acrescenta-se o novo. Assim, o centro muda, todas as noites, de posição, e encontrá-lo depende de algo mais do que simples aritmética.)

Ao chegar ao centro da cidade, que se encontra por vezes num passeio plano, mas, por outras, em superfícies mais complicadas, como no cimo de um poste, numa esquina apertada, numa linha férrea, em cima de um automóvel ou ainda de encontro a uma parede, enrolo-me sobre mim próprio, procuro a posição mais conveniente e confortável e durmo. Transformo-me no centro exacto da cidade. Sou aquele ponto primordial, a explosão original de tudo, e para onde tudo eventualmente convergirá, implodindo. Sou a origem e o fim da cidade.

Caminho, solitário, pelas ruas. Os meus passos são lentos, pesados. Um homem só é incapaz de sabotar a cidade de maneira a atrasar de forma significativa o seu crescimento. Não basta furar uns pneus, cortar os cabos de gasolina de uma ou de outra retroescavadora. Sinto as pernas pesadas, a cada passo que dou a cidade cresce dez metros. Penso em Almir e na prostituta. Os três seríamos suficiente. Um louco, um viúvo cego e uma prostituta. Uma pequena equipa de sabotadores. O número certo para implodir a cidade, para lhe impedir a expansão. Seríamos o centro. Continuo a caminhar, continuarei a caminhar, sabendo que o infinito me é

inacessível, sabendo que jamais voltarei a encontrar o centro exacto da cidade. Vejo-os a caminhar comigo. Ela é uma jovem bela, ainda inocente. Almir dá a mão a uma mulher vestida de verde. Separamo-nos para a derradeira sabotagem, incentivados por uma voz frágil que nos vai repetindo ao ouvido:

É a vida. É a vida.

Cinzeiro

André Marques

SETEMBRO

O mundo é mais pequeno do que pensam os geógrafos. Vou para Lisboa de comboio, mas podia ir de barco. O sentimento seria o mesmo, a linha do horizonte a aproximar-se, estranheza, excitação. Podia ser numa caravela quinhentista. Sou ou não sou português? Pá. Vento nas velas, escorbuto nos dentes. A cidade a aproximar-se, desenhando-se traço a traço: sombras viram prédios, vultos viram monumentos. Depois atracar e ver que aqui também há gente, com caras, com vidas. Entusiasmar-me com isso. Mas não. Não vou de barco. O comboio entra por dentro da cidade, dos bairros, baralha-me os devaneios. Próxima estação Campolide. Para uma vida inteira tenho as malas bem leves.

Fumavam marcas diferentes. Só se apercebeu disso dias mais tarde. Agora, no meio da desorganização do quarto, só conseguia perguntar a si mesmo por que raio o tinham metido num quarto onde já estava uma rapariga. Olhou para o lado dela: a cama por fazer, um monte de roupa onde entreviu dois soutiens que não se atreveu tocar, e na secretária um computador e um caderno que na capa tinha escrito, em letra floreada, *Propriedade de Mariana Antunes*. Pousou as malas na sua cama. Gostava de como aquilo soava, e dizia-o mentalmente, a minha cama, o meu quarto. Havia um toque musical qualquer naquela frase.

As paredes estavam despidas, nada de fotos ou posters. Tentou imaginá-la. Viu um rosto sardento, uns olhos amendoados e vivos, viu os seus ombros com o sol por trás, branquíssimos, tentadores. Olhou novamente para o caderno e para a caligrafia. Imaginou-a estudiosa, indo ao cinema sozinha ou num bar a beber cerveja. Mas rapidamente se desiludia ou cortava o devaneio. É uma gorda de óculos e pronto.

O quarto, ainda assim, (podia agora olhar para ele com calma) era amplo e arejado. A única janela ficava no lado dela, virada para poente, o que lhe conferia, naquela tarde de Setembro, uma luz lenta e quente, lisboeta. Pousado estava um cinzeiro no parapeito. Começou a tirar a roupa das malas e a pô-la no armário. Estava cansado. Tinha vindo do centro do país para estudar em Lisboa. Dentro de poucos dias começaria a faculdade, aquele seria o seu quarto, aquela — quem? — seria a sua colega de quarto. Os contornos daquilo que o esperava (e aqui punha as meias ao lado das cuecas, alinhadas, exactas) começavam a fechar-se, a perceber-se. Deitou-se na cama. Lisboa parecia-lhe grande, mas não arrebatadora, uma cidade, é certo, nunca tinha vivido em nenhuma. Ainda não tinha visto o rio. Amanhã, pensou, e rapidamente adormeceu.

Acordou no dia seguinte ainda vestido e rameloso. Na mesa-de-cabeceira encontrou um bilhete:

Caro Zé (soube o teu nome pela Dona Luísa, a senhora da recepção),

Quando cheguei, ontem à noite, já dormias. Até agora ainda o fazes (numa admirável posição de estrela do mar) e eu tenho de ir à minha vida, pelo que te deixo esta breve nota de apresentação. Chamo-me Mariana, tenho 19 ou 21 anos e estudo Farmácia ou Filosofia ou Jornalismo. Como preferires. Pelo que me disseram vamos ser colegas de quarto durante pouco tempo (um gajo e uma gaja no mesmo quarto, quéláisso?). Enganaram-se numa papelada qualquer, ao que parece. Se precisares de ajuda, pede à D. Luísa. A outra é uma chata do pior e cheira mal da boca.

M.

Nos dias seguintes tiveram e tomaram o tempo para se conhecer. Mariana mostrou a Zé a residência e os seus ritmos. A melhor hora para lavar a roupa, como evitar a cozinha do segundo andar. Mostrou-lhe também o bairro, com prédios construídos nos anos 80 e 90, e a mercearia mais próxima, um indiano que ficava aberto até tarde.

O senhor indiano sorriu ao vê-la. Eram já velhos conhecidos. Falaram do preço dos noodles e do tabaco na Índia. Compraram dois maços, noodles e atum. Zé reparou que o rosto de Mariana mudava substancialmente consoante tivesse o cabelo atado ou não. Mas não lho disse. No caminho para casa falaram

— O que me irrita é que não se saiba nada destas pessoas. E contra mim falo. Sei lá se vêm do Bangladesh ou da Índia. Na minha cabeça elevadíssima e ocidental são tudo o mesmo, emigrantes, monhés. Lá donde vêm devem ter trazido costumes, tradições, sei lá, coisas a que se agarrem.

Zé ouviu mais do que falou. Tinha já idade para isso. A voz de Mariana era clara e segura, mas dava a ideia que se tornaria rouca com os anos.

NOVEMBRO

Os caminhos que fazes, subterrâneos, guiam-te às escuras. As pessoas aqui não se falam. Um olham-se com curiosidade, outras com indiferença. Ouves muito o Sérgio Godinho. A princípio é simples, anda-se sozinho. Um tem o futuro à frente, outras a morte. Parecem ignorá-lo. Sentam-se à tua frente, tiras os olhos do livro, olhas para as suas mãos, para os seus gestos — como tiram o telemóvel do bolso e sorriem ao ler a mensagem, como passam uma mão na outra, preocupadas, como se levantam na paragem certa. Subitamente, tens uma vontade de lhes falar, de lhes dizer que são sagradas e violentas as suas faces. Mas quem inventou o metropolitano não pensou nisso. Vai-se daqui para ali e pronto, disse o inventor. O resto são túneis, escuridão.

Mariana pertencia àquele grupo de pessoas a que Zé viria a chamar, anos mais tarde, «pessoas que acabam coisas». Conheceria poucas ao longo da vida, mas todas lhe seriam preciosas. Via-a sentar-se à mesa para estudar, estender a roupa no estendal ou acender um cigarro com uma precisão que invejava, como se tivesse uma certeza inabalável no corpo, no peito talvez. Quando Mariana o via a olhar para si, os olhares cruzados, um interrogativo, o outro embaraçado, mostrava uma nesga dos dentes num sorriso e perguntava «para quê essa cara de cu?», Zé envergonhava-se e voltava ao que estava a fazer. Vivía há dois anos naquela residência, mas, dizia, nunca tinha tido um colega de quarto como ele.

— No primeiro ano foi uma escanzelada que trazia para cá

tipos do curso dela quando eu não estava. O quarto ficava sempre a cheirar a perfume de homem e a foda mal dada. No ano a seguir foi a Ana, que até era simpática, mas às vezes demais. E agora és tu.

Mariana praguejava muito. Era herança do avô, dizia, a pessoa mais engraçada que já conheçera. Morrera há dois anos. Todas as histórias que costumava contar ou eram anedotas ou histórias da juventude. Tinha ficado parado algures numa idade e tinha-se recusado a envelhecer. Zé percebeu a tristeza na voz de Mariana, mas não lhe conseguiu atribuir um só significado. Talvez fosse aquilo tudo, pensou, perder alguém de quem se gosta, habituar-se a uma cadeira vazia que já não range nem balança. Percebeu também que as histórias que contava eram quebradas, que tinham pouca coerência e um fraco sentido cronológico, mas que, talvez por isso, brotava delas uma vitalidade e uma comicidade inegáveis. Mariana crescera a ouvi-las. O avô tinha um talento especial para imitar sotaques e dava voz com tanta convicção às suas personagens que, ao ouvi-lo, Mariana não tinha dúvidas do actor perdido que tinha à frente. Cada soco entre os bêbados e cada beijo entre os amantes, pela voz do avô, ganhava um fascínio que ela nunca mais encontrou na vida. No final das melhores histórias concluía com uma moral: «a vida pega-se pelos cornos, minha querida».

— Como assim perdeste-te no metro? Já cá andas há dois meses. É tempo de ires perdendo os jeitos de campónio.

— A culpa é tua. Deste-me um mapa todo trocado — e aqui pôs o mapa entre eles, junto ao cinzeiro.

— Vê bem: nós vivemos aqui — apontou para uma das extremidades de uma das linhas do metro e começou a percorrê-la. Aqui é a tua faculdade, aqui é onde vive a tua próxima namorada, aqui vai ser o teu primeiro trabalho, depois despedem-te e tu mudas de linha e vais até ao aeroporto. Deixas família e chatices e mudas-te para o Equador.

— Sempre quis viver num país com um nome assim. Fala-me dos países onde vais viver.

— Bem — disse Mariana, tirando um cigarro do maço e acendendo-o. Durante muito tempo vou andar por aí — deixava que o fumo lhe saísse entre os dentes, entre as palavras — sem país ou pátria. Andar só por andar. Vou ver a Bélgica, Itália, Grécia. Tudo isto com o meu guito. Quanto mais longe dos meus país melhor. Ver países e coisas, paisagens e monumentos. Mas tudo, até aqueles sítios a que os turistas vão e onde tiram fotos parolas. Vou comer uns quantos gajos e fumar muito.

— Parece-me bem.

— Quando arranjar um país e um gajo que valham a pena, paro durante uns tempos. Caso-me, deixo de fumar e começo a costurar para fora — e aqui, como Zé já reparara, sempre que Mariana gozava com alguma pessoa ou situação, torcia ligeiramente a boca e passava a dizer os éres na ponta da língua.

Estavam à janela. Ele acendeu um cigarro. Ela continuou a falar de países e pessoas, e em Zé cresceu a vaga impressão de que a sua vida começava algures na voz dela. Ouvia-se o rumor dos carros, distante. Um crepitar monótono, como a chuva a embater numa janela ou o vento nas árvores. A certo ponto, Zé deixou mesmo de distinguir a voz de Mariana do barulho dos motores e das buzinas. Fechou os olhos, fumou, voltou a abri-los. Via a boca dela mexer, sentia o tom, os pequenos éres arrastados, e talvez as palavras não perdessem totalmente o sentido, mas diluíam-se, rodeavam-no, ternas e incentivadoras, como uma música que falasse de partidas e chegadas, de tempestades e colheitas.

DEZEMBRO

As pessoas que se aproximam falam baixo. Dizem coisas certas, cheias de música e sentido. Na verdade, calam mais do que falam.

Aproximam-se pelo cheiro, pelo toque. O ritmo das suas falas é compassado unicamente pela respiração. Nunca lhes falta o ar. A cidade está cheia de barulhos irritantes, alguns ensurdecedores. Mas, aproximadas, duas pessoas podem caminhar em silêncio no meio de cidades, podem chegar à solidão do par na multidão. Ai chegados, constroem pequenas sinfonias e alguns bailados. Mas pouca gente dá por isso.

Chovia. Mariana entrou no quarto com o cabelo molhado e perguntou a Zé se queria fumar à janela. Abriam-na de par em par e apoiaram-se no parapeito. Mariana pôs o cinzeiro entre ambos. A chuva entrava no quarto mas pouco se importaram. Mariana acendeu um cigarro, estendeu o braço com o isqueiro ainda aceso na direcção do cigarro de Zé, disse «como se faz às putas» e riu. Debruçaram-se um pouco mais para que o fumo não entrasse no quarto e viram pessoas a passar na rua. Inspecionavam-lhes as vidas.

— Aquela tem cara de porca. Vai comprar a pílula do dia seguinte.

— Aquele perdeu a mulher, que lhe pôs os cornos com o vizinho de cima. Está a ponderar mandar tudo para o caralho e mudar-se para a América do Sul.

— Aquele velho não o é, na verdade. É tudo uma máscara. Olha, nem sabe como se usa uma bengala. É um barão da droga. Abastece a Europa toda a partir de Lisboa. Ninguém vai suspeitar dum velho que dá milho a pombos, não é?

— E aquele cu, comias?

— Sem problemas. Dava-lhe três filhos e depois bazava, dizia que ia comprar tabaco ou assim.

Riram-se. Era já um hábito. Encontravam-se no quarto ao fim da tarde, falavam e fumavam. Sem o saberem ou suspeitarem, um pacto mudo tinha-se formando entre ambos: os cigarros, o cinzeiro, a janela.

Zé acabava de fumar, apagava o cigarro e ficava ao lado de Mariana, que entretanto já tinha acendido um segundo

cigarro. Quando falavam de si mesmos, nunca era sobre a vida que tinham tido e raramente falavam da que tinham agora. Os temas e motivos daquelas conversas estavam noutro sítio, noutra esfera — as vidas que poderiam ter, onde poderiam viver, o futuro, esse lugar entre o medo e o desejo; e aí ficavam, falando de pessoas que se lhes assemelhavam nos jeitos e nos traços, mas que nunca eram inteiramente eles. Talvez fossem apenas ideias, projectos, que lentamente, um após outro, apagavam no cinzeiro.

Aquele grande conjunto de acontecimentos, tão desregrados e espontâneos, tinha-se tornado, pouco a pouco, íntimo e doméstico. O acaso ganhara o sabor agradável do hábito. Quando se punham a fumar à janela tinham diante deles a cidade, com luzes e pessoas, diante deles tinham as possibilidades de um futuro que não conseguiam discernir e um leve ardor, uma vontade fria e funda de o cumprir.

O pé obscuro

Margarida Serralheiro

Torna-se recorrente, ao fim da tarde, o longo caminho para casa. Tomamos como exemplo a vida dos outros, escutamos as conversas daqueles que nos rodeiam, sabemos que têm pressa para chegar a determinado lugar e nos empurram para poderem passar: necessitam de estar à nossa frente para vencerem a competição contra o tempo. Andamos lentamente na rua e espreitamos para dentro das casas, queremos saber como é a intimidade do outro, por isso registamos a quantidade de quadros e salas de jantar com porcelanas que nunca foram usadas, vemos as luzes acesas das cozinhas, ouvimos a televisão com o som muito alto dos prédios mais pequenos. Ainda assim, meditamos enquanto alcançamos uma passadeira e esticamos o braço para parar o autocarro. Imaginamos um cenário urbano onde duas pessoas se sentam num café e falam abertamente, pensamos que gostaríamos de fazer parte dessa paisagem, sentar o peso do corpo nas cadeiras e ignorar quaisquer tarefas que tenhamos de cumprir, obrigações imaginárias que nos regem. Construimos as cidades que nos embalam de manhã e destruímos as mesmas à noite: consomem-nos com a sua grandeza e

impaciência, por vezes até com o seu silêncio aterrador. Ter medo é morar no seio da cidade, ser-se mulher numa rua escura, tardar nesse caminho para casa sem quaisquer conversas alheias. É por isso que voltamos a imaginar um cenário urbano com duas pessoas que se sentam e falam abertamente, agora mais alto do que antes e quase sem pausas. Falam e dizem coisas, mexem as mãos, procuram dar continuidade à fala sem obter resposta, interrompendo a possibilidade de contra-argumentação. Imaginamos e escrevemos em pequenas folhas alguns apontamentos, iniciamos diários.

«As ruas de Lisboa são sempre tão inclinadas que me levam a crer que estou prestes a subir para a entrada de um castelo. Penso num castelo rodeado de neve, muralhas e pequenas omissões, numa perspectiva do maravilhoso de Kafka, que puxa os estrangeiros para o seu centro magnético onde todos os segredos do mundo se encontram e nunca se desvendam.

Se eu fosse um transporte seria definitivamente um eléctrico arrogante, rústico, tão amarelo quanto o tempo. Teria os carris velhos e ferrugentos, as janelas riscadas e algumas já partidas, seria um monstro lento, mas iria transitar nessas ruas altíssimas, perto desse castelo grandioso e edificado sob cemitérios de gente pequena. A minha carne fulgurante poderia abraçar centenas de pessoas e o condutor faria um incansável movimento circular dentro de mim, seria um astro vagaroso, curto, húmido.»

Era assim que começava o diário de Collete, escrito há alguns anos com uma caneta de tinta verde, memorizada pelo cabo roído e gasto. As suas palavras estavam canonizadas nas páginas do caderno, sublinhadas com um traço forte. Lembra pequenos excertos que tinha gravado para não esquecer os períodos de grande criatividade. Agora que tinha passado tanto tempo, gostava de regressar a essa escrita e imaginar pequenos barcos ao fundo do rio, longas noites deitada na cama a observar o candeeiro no tecto, torto e baço.

A mãe sempre lhe dissera que o nome Collete era uma homenagem a uma estrela de música romântica francesa, portanto Collete diria, com a boca pequena e levemente rasgada no cen-

tro do lábio superior, que a arte seria a única coisa pela qual valeria a pena manter-se viva. Caso contrário as mãos seriam inúteis, assim como o corpo fértil da mulher que se tinha tornado, e nada teria futuro. A mãe concordava, fingindo ouvir as ideias complexas da filha enquanto observava a cara redonda e cicatrizada. De vez em quando Collete fazia uma expressão de gato desconfiado, mas o lábio leporino impedia-a de construir um retrato agradável. Recordava estes acontecimentos, bem como as primeiras frases inscritas no diário, enquanto dizia com toda a certeza do mundo:

— Não sei nada sobre o grande plano que foi elaborado sobre a minha existência, nem sei se esse criador sabe o meu nome ou a razão que está por detrás dele, mas cortou-me o lábio para me permitir falar mais alto, com algumas falhas, é certo, mas o som é mais evidente e aberto, claramente mais perceptível.

— Eu oiço-te perfeitamente, mesmo quando estás em silêncio, mas quando penso em ti e nesse rasgo... Bom, esse rasgo no lábio foi um acidente, mas permaneces viva e com saúde. É bonito teres algo oblíquo por cima desse poço direito que é a tua fala, aprecio essa marca generosa — Mariana tossiu, pensando sempre se podia falar abertamente dos defeitos da amiga.

— Sim, vejo este corte como uma coisa benéfica, mas ouve o que te quero dizer. Questiono-me várias vezes acerca do motivo pelo qual me sinto reduzida a um defeito no lábio. Bem sei que, quando era mais pequena, cheguei a partir vários copos e a colocar os vidros na boca para os mastigar — corou e riu-se, como quem ri por não saber o que fazer daí em diante. — Sabia lá o que era o vidro e de que era feita a sua transparência... Nunca adivinhei que fosse igualmente cortante como um deus, capaz de construir coisas. Também coloquei um punhado de urtigas numa tigela de plástico vermelha, juntei-lhe água e, por volta das sete da tarde de Julho ou Agosto, levei uma colherada à boca. Talvez tenha sido por volta das oito da noite, já estava a escurecer com aquela brisa húmida do Verão e os miúdos não estavam na rua, deviam estar sentados à mesa para jantar.

— Comeste essa sopa de urtigas? E ninguém te disse que

algumas plantas da rua são venenosas?

Enquanto Collete pensava na escrita e no seu lábio rasgado, Mariana recordava os ensinamentos da tia, que a tinha educado durante a infância, relativamente aos alimentos e à sua proveniência. Não podia comer chocolates, nem gelatinas, nem gelados, principalmente quando foi operada à garganta e se alimentava de refeições líquidas por uma palhinha. Queria muito um gelado de leite, mas a tia hipocondríaca repetia vorazmente as quantidades perigosas de açúcar que podem ser absorvidas pelo sangue e tinha todos os manuais de saúde e livros de astrologia que conseguia encontrar. Acreditava que o signo moldava o corpo, a cabeça e, principalmente, a apetência para esta ou aquela doença. A tia Juliana sempre lhe dissera que as plantas da rua são venenosas e que todo o veneno é perigoso. Mariana sabia-o.

— Não sei se o mesmo acontece contigo, mas às vezes fico surda, não oiço certas coisas. Parece que os ouvidos fazem aquilo... Como se chama? Aquela palavra que também me lembra abelhas, qual é o som delas? Ah! Zumbido. É esse o verbo que me destrói a audição de vez em quando, é por isso que faço certas coisas, perco até o equilíbrio.

Mariana acenou com a cabeça. Tentou ver as horas, mas esqueceu-se que tinha deixado o relógio em casa, dentro da gaveta do armário. Ainda tinha pilha, mas a bracelete estava completamente rasgada. Demorava algum tempo nos transportes públicos e, para evitar a carantonha das velhas e o horror da face dos homens senis, agarrava a bracelete para colocar e de seguida retirar o tempo no pulso. Agora que já não tinha relógio, Mariana pensava que não podia levar um pequeno medalhão redondo dentro da mala, pois esse não era um relógio convencional. O braço também não tem marca, nunca se habituou a trazer as horas consigo.

— Daqui a pouco tenho de voltar para casa e fazer o jantar, os meus pais vão receber a minha avó e eu tenho de ajudar a cozinhar. Daqui a pouco, não te esqueças — repetiu Mariana, já incomodada pelo facto de o medalhão e a bracelete estarem

isolados dentro da mesma gaveta. Collete queria prosseguir, tinha várias histórias para contar e não tinha forma de as escrever, só se as pudesse ditar.

— O que é que eu estava a dizer? Falei da minha tolice, não foi? Por falar nisso... Recordo-me também de uma planta pequena, mas monstruosa, que dava uns frutos redondos e amarelos, da cor do âmbar. Penso que cheguei a colocar um deles na boca, mas tinha um sabor ácido. De qualquer modo, não me matou. O que me fez mal foi o gosto da urtiga no céu da boca, toda desfeita entre a língua e os dentes. Fiquei com ardor e borbulhas durante largo tempo, mas nada disso me curou.

— Nem tudo o que arde cura, mas o ardor tem-me ensinado coisas incríveis — dizia Mariana, incrédula com a verdade das palavras de Collete. — Nunca te ocorreu que tudo isso possa ser fruto de uma energia causada pela ficção? Dizem os terapeutas que os casais divorciados condicionam, em larga escala, os filhos a desenvolver pequenas histórias mirabolantes. Já li algures que a propensão para a ficção e para a vitimização da própria criança se inicia durante o divórcio. A tia Juliana chegou a ler-me alguns textos, mas eu ria-me com tanta força que acabava por correr para a casa-de-banho. Queria evacuar esse riso e essas palavras absurdas. Nunca ouvi o final destes artigos, não sei o que acontece, mas creio que não exista uma conclusão muito específica.

O lábio ondulante bufava e o nariz inchava com a corrente de ar que se fazia sentir no café. Uma das mãos de Collete estava metida dentro do bolso e, apesar do cansaço, formulava mentalmente uma resposta que contrapunha a parvoíce daquela tia. Surgia-lhe, de repente, a palavra tolice completamente desmembrada e escrevinhava um excerto de Sam Shepard numa factura do supermercado que estava solta dentro da mala. Este contava um episódio de um pai e de uma filha que discutiam um projecto sobre o quotidiano nos anos oitenta que devia ser apresentado na escola. O pai dizia à filha com certo desdém «que a realidade é uma “questão interna” e que tudo o resto é superficial e é mentira — como as notícias». A filha pedia-lhe outras coisas, mas o pai prosseguia com essa visão e

com a ideia da realidade transposta numa ilusão apelativa. Collete concordava com o pai e pensava com prazer na ideia de realidade traduzida numa imagem de um vendedor de gelados. Este é omnipresente no Verão e no Inverno desaparece. No Verão as coisas são sumarentas, apetecíveis, toda a frescura do mundo é a alegria, o azulado céu dos países ocidentais. Sorria com o verbo ser da alegria, com a terminação da palavra no cimo do lábio superior e a querer fugir pelo corte de nascença. Também existia um vendedor de gelados na família — lembrava a propósito do tema — que os transportava numa carrinha branca enfeitada de desenhos, era um parente ambulante, nunca se via nas festas de aniversário, e andava camuflado. Contudo e na época de Inverno, esse parente circulava pelas festas cabisbaixo, com os ossos do corpo salientes e as mãos miseráveis do frio. Era essa a imagem da realidade, um parente que não sabe estar presente ou que está presente demais. Lembrou-se que não estava sozinha e disse:

— A vida de cada um não pode ser gerida por um manual terapêutico nem por uma revista de astrologia. Esquece tudo isso e lembra antes a importância da experiência individual dos dias e das leituras que tens feito. O trauma da vida nada tem a ver com os pais ou com os divórcios que são feitos com aquilo que conhecemos. Tem mais a ver com os filhos e a ideia de futuro que lhes ocorre. Entre os filhos e os pais existe um hiato que não permite a existência de uma circularidade. Percebes, Mariana? Não preciso de fundamentos teóricos para te dizer que a possibilidade de nos ligarmos às coisas mundanas não é hereditária, é antes criada, tem uma origem em cada indivíduo, em cada filho, em cada filho desse filho.

A outra colocava a mão nas narinas para as coçar e puxava a cadeira para a frente. Apesar do cansaço e dos bocejos, queria ouvir o que podia ser dito. Em vez de falar, queria realmente ouvir. Deixou-a continuar:

— Eu acredito na ficção e ela não deriva de qualquer separação, é antes uma mistura de crenças, uma religião de mundos e ideias. Vou-te dar um exemplo para que me entendas melhor, está bem? Eu comi uma tigela de urtigas, esfolei um joelho a andar

de bicicleta num poço coberto e fiz pistolas de esferovite porque podia fazê-lo. Fingia que as pistolas baleavam os outros miúdos, alguns mais ruins do que eu, e corria para me esconder numa fábrica abandonada. O meu nome de estrangeira cresceu nesses gestos. Orgulho-me de tudo isso, não foi um trauma, foi uma salvação. Mantive o hiato com a minha ascendência, os meus progenitores não têm conseguido reflectir sobre as coisas, só sabem trabalhar desde pequeninos.

— Até compreendo a maior parte daquilo que queres dizer, Collete, e sei perfeitamente que a vida é uma coisa e os manuais são outra. A vida é um elemento natural e os livros são um elemento artificial. Tudo se cruza, mas nada é uma repetição daquilo que já foi escrito. Já sofri com essa incompatibilidade, sei o que custa partilhar o ardor da existência com um autor morto e, em troca, ouvi-lo silencioso, quase trocista. No entanto, penso que o facto de teres esfolado o joelho e te teres escondido numa fábrica abandonada te deu um poder maior de sedução — Mariana tremeu e sentiu que a amiga lhe parecia um totem, uma vénus da fertilidade numa caverna longínqua. — Vejo que seduzes a vida com um filtro que não te permite reconheceres a tua cara em determinadas luzes e, se não te reconheces, és outra. Seduzes a vida sendo duas ao mesmo tempo, uma com o lábio cortado pela mão de um deus enervado e outra com a cara negra e o cabelo branco da luz que incide rapidamente sobre o teu rosto, fazendo este contraste.

Collete acendeu um cigarro e espreitou o maço, suspirando. Só tinha mais dois cigarros e esse número era demasiado solitário. Pensou rapidamente que esta situação não lhe permitiria continuar a conversa com a mesma agilidade. Enrolou a factura e deixou-a cair dentro do bolso, tirando a mão para fora. A carne e a literatura são o ardor que nem sempre cura. A rima da fala e do pensamento é essa poesia que sabe a veneno e a urtigas. Mariana parecia ouvir a amiga debaixo de água, agora era ela que estava surda.

— Vou deixar aqui o isqueiro, que é teu. Tens mais tabaco? Detesto conversar e ser interrompida por um maço de cartão vazio, com aquele cheiro inútil. Sabias que guardo maços vazios na mala?

Vou contando um a um, para saber o mal que faço. De vez em quando existe tabaco dentro de luvas e no meio dos porta-chaves, por vezes suja-me as páginas dos livros que carrego. De tempos a tempos vou sacudindo a mala na varanda para ver o que vai caindo.

Mariana respondeu:

— Eu deito logo tudo no lixo, não gosto de arrastar comigo muitas coisas. O meu vizinho, aquele que toca guitarra à noite e passa os dias em casa de robe, tem uma sala cheia de embalagens de cartão. Vai coleccionando embalagens de cereais, bolachas, puré e tudo aquilo que possas pensar. Nunca lhe perguntei, porque nunca falámos, mas eu sei que ele tem grandes planos para aquele monte de reciclagem. Acredito que um dia verei o que ele irá fazer com isso. — Mariana deu um gole no café e puxou o maço para Collete. Esta abriu-o e deu uma risada, guardando-o na mala. Depois retirou-o rapidamente, abriu-o para o cheirar e voltou a colocar na mala. O nariz inchava cada vez mais, o ar fresco do café apanhava-lhe a garganta e deixava-lhe um leve gosto febril.

— Tem aquele cheiro inútil, mas não consigo parar de o fazer. O cheiro das coisas dá-me um certo gozo. É real.

Collete terminou o cigarro e apagou-o no cinzeiro de vidro que estava exposto na mesa de ébano. Era sempre desastrada nos gestos, mal conseguia apagar os cigarros e queimava a ponta dos dedos. Depois sacudiu a camisa, que tinha manchas de cinza no colo, para se limpar.

Mariana e Collete já se conheciam há cerca de três anos e nunca visitaram a casa uma da outra. Havia um certo espaço aberto para a intimidade, preenchido pela timidez da fala, que estava a crescer com a conversa florida. Collete mordida o lábio de impaciência — já não tinha nada nas mãos e nada na caneca para levar à boca — e olhava para a amiga com grande esforço. Tinha miopia, mas habituara-se a não usar os óculos em locais com muita luz. Tentava focar os olhos na outra, que reluzia contra a mesa escura, no entanto pestanejava demasiado, impedindo a visão nítida do rosto de Mariana repleto de sinais na zona da boca e da testa.

— Vou contar-te um segredo. Às vezes sonho que tenho um

papel grandioso no mundo. Há qualquer coisa que me segreda ao ouvido, sobretudo durante a noite, e me diz que tenho como destino a aceitação de um papel demasiado importante, enorme — tosse um pouco e leva o punho à boca, para logo o abrir e tapar os lábios. — Não sei bem o que é, mas preparo-me diariamente, aguardo no silêncio e na tranquilidade das coisas, dos sítios onde habito com a água do meu corpo.

Mariana termina o café e levanta-se para colocar a chávena, o pires e a colher suja em cima do balcão. Tem as mãos e as mangas do casaco sujas de açúcar. A empregada recolhe a loiça para a colocar num monte, liga a máquina do café e vai limpando as chávenas lavadas, para as aquecer. De vez em quando olha para trás, para ver se não está sozinha. Endireita as costas e coça o pescoço, retira com uma mão o café com uma peça e coloca-o dentro da máquina, a fundo. Encaixa. Permite que o líquido espesso e castanho escorra em duas, três, quatro chávenas. Aguarda que os clientes retirem os pacotes de açúcar do cesto e coloquem as moedas à vista. Tilintam os trocos e as colheres, as chávenas cheias de fervura mergulham no balcão de vidro. Por baixo existem bolos, alguns com péssimo aspecto e secos da exposição contínua dos dias.

— Essa sensação é comum, Collete, todos nós achamos que temos algo oculto. Havia um escritor, que ainda está vivo na planta dos meus pés, que falava sobre o poeta obscuro e sobre essa ideia de enigma individual que se ergue à nossa frente, como a cruz de cristo na parede do quarto, encarando a cama com os olhos semicerrados. Sabes o que é um poeta obscuro? Poderá ser, em parte, um homem que tem a roupa dobrada em cima de uma cadeira e que acorda durante a noite para sentir o pulso. Já o fizeste? Uma vez pensei que as minhas veias transportavam grãos e que o meu corpo não estava a funcionar, acordei sobressaltada e não sabia como confirmar se ainda respirava verdadeiramente. Coloquei o dedo a pressionar o início do braço e a minha tensão baixou, pensei que tinha morrido.

Fechou os olhos por um instante, lembrou-se de ter catorze anos. A mágoa da cor da pele quase branca, tão pálida desse terror nocturno, regressava ao seu corpo, sentia que queria voltar a casa e

que a fala excessiva provocava algum cansaço físico. Encorajou-se para terminar o raciocínio:

— Bom, esses pormenores já não interessam. Estava a dizer que esse poeta também falava de maravilhas, escrevia algumas frases e poemas onde singrava a noite, a mulher, a fertilidade do corpo e da terra — Mariana abria os olhos para falar da memória do autor que vive entre a sola dos sapatos e as meias. — Eu, por exemplo, sei que tenho flores dentro de mim e que vão crescendo de dentro para fora. Estás a ver a minha mão? Repara — estende o braço e os dedos curtos e finos para a amiga, que puxa a cabeça para baixo e se concentra na imagem da mão, tentando vê-la numa só curva lúcida e sem franzir a testa. Estás a ver esta marca no dedo? É uma pétala, vê-se logo que são flores que estão para nascer, mas também elas surgem ao contrário, porque primeiro vão aparecendo as pétalas, depois o caule e, por último, as folhas e as raízes. Percebes o que quero dizer com flores que nascem de dentro para fora? São flores místicas e de carne humana, são coisas que vão crescer depois das minhas mãos lhes darem forma, como o barro. São um exemplo daquele poeta obscuro que me faz andar com um passo mais longo no solo húmido.

Collete sentiu um calafrio, como se Mariana estivesse a tentar falar, forçadamente, de poesia e do seu estímulo bruto. Parecia um vagabundo a pedir esmola com o corpo todo exposto. Mariana pensava, enquanto fazia desenhos na mesa de ébano com a ponta dos dedos, que o facto de ter aceite essa ideia de criação das coisas no movimento de dentro para fora lhe permitia dormir tranquilamente, agora com a certeza de que acordaria viva. Também concordava que o seu caminho era igualmente grandioso e que o plano do futuro maravilhoso se ia desvendando a pouco e pouco, cada vez mais assertivo e impossível de contornar.

Despediu-se da amiga e andou pacificamente em direcção a casa, subindo as escadas esculpidas na pedra da calçada, altíssimas como o carreiro que conduz ao castelo da visão de Collete. Sem se aperceber, cantarolava uma música do século passado e encarnava a voz de uma miserável lavadeira. A sua desafinação era tão própria

que, ainda que cantasse baixo, também se podia ouvir o rasto da cantiga no último degrau das escadas, já longe da silhueta da rapariga. Abriu a porta do prédio e deu alguns passos, deixando-a encostada. Só depois deslizou com a perna para trás e deu um chute na porta para ouvir o estrondo pelo edifício a dentro.

Mal abriu a porta, dirigiu-se à cozinha, mas as janelas ainda estavam fechadas desde a última noite. Abriu as persianas com grande esforço e, iluminando a cozinha amarela do vapor retido nas paredes, sentou-se num banco de madeira à beira da mesa branca. Meditara durante o percurso nas palavras que tinha proferido em frente de Collete e tentava compreender o motivo pelo qual as disse. Retirou as flores de plástico da jarra azul e branca com desenhos de um jardim de azulejo e ficou com eles na mão durante alguns minutos. Lembrou-se de ter estado recentemente numa feira do livro, tendo folheado vários livros de autores jovens, e de ter procurado com fervor um bom título no meio dessa centena de livros baratos e caducos, cheios de idade e de bicho.

Pisou as flores com o pé antes de as deitar no lixo, onde provavelmente iriam fecundar nos restos domésticos daquela semana. As folhas já não tinham qualquer rasto de encarnado nem de azul, eram flores persistentes que estavam agora praticamente amarelas, da cor do plástico e da gordura do vapor. Mariana sorriu e levou a mão ao olho, coçou a pálpebra e pensou no poeta, aquele que vive na planta do pé. Sentia alguma saudade do impacto da sua leitura nas horas mais difíceis e propunha-se a si própria reler alguns poemas nessa noite, antes de se deitar. Enquanto bailava na cozinha, entre os tachos e o calor do fogão velho, o pé de Mariana falava, sem que ela pudesse ouvir, e dizia certas coisas de carácter secreto sobre as flores de plástico, a luz e a morte. De vez em quando sentia um formigueiro, mas curvava-se em frente ao fogão, descalçava o sapato e tirava a meia, para logo de seguida fazer o sinal da cruz no pé com saliva. Dissera-lhe Collete, umas semanas antes, que esse gesto atenua o formigueiro no corpo. Sacudiu o pé e voltou a calçar o sapato, depois minimizou a chama do fogão. Sentou-se na cadeira à beira da jarra vazia e fez o sinal da cruz entre a testa e o

peito, acreditando que também poderia fazer desaparecer o formigueiro da alma.

Queria dizer em voz alta e perto da janela que já sentia falta da sombra das flores na mesa, mas em vez disso mergulhou os dedos no tacho e levou-os à boca. A comida sabia-lhe bem e, nesses momentos, apenas se lembrava da infância e dos animais domésticos do passado. Tinham morrido alguns gatos e cães ao longo do tempo, o casal de pássaros tinha sido oferecido a uma colega da escola e a tartaruga ainda estava viva, mas era a avó que cuidava dela. Procurava o amor eterno dos animais, dizia-lhes com uma voz histérica: «amem-me e nunca me rejeitem». A luminosidade das coisas transparecia cada vez mais naquela cozinha pequena e Mariana aceitava a vida com tranquilidade, mexendo nas colheres e nas panelas. Sentiu uma aragem chegar, eram os pais que regressavam com a velhota no elevador. Sorriu e abriu a porta, atirando o corpo e o formigueiro contra eles.

Amor pendular

Fábio Silva

Era de noite e chovia a potes. Ela, a mulher de gabardine, junto ao cemitério. Dizem os sábios, os grandes, que a noite é excelentíssima para esconder certos perigos. Uma diferença no cenário importante que precisa desde já ser referida: eu estava sentado no meu carro a fumar há já um bom par de horas, e ela lá fora por baixo de um chapéu minúsculo com a chuva a flagelar-lhe continuamente o corpo. «Quer boleia?», perguntei. «Desculpe?». Creio que a chuva lhe cegou os sentidos, «Perguntei-lhe se queria boleia». Entrou no meu carro. Olhou duas ou três vezes para a esquerda, duas ou três vezes para a direita e entrou no meu carro. «Onde posso deixá-la? Norte, Sul, Este, Oeste?». Ela não hesitou, foi directa: «Longitude x, latitude y». Atirei o cigarro para o fundo da noite e arranquei. O barulho do silêncio, do nosso primeiro silêncio, foi o som do limpapára-brisas a recolher a chuva. Que era como o pêndulo, ou pelo menos soava como o pêndulo do relógio da casa dela. «Sou

casada», disse a mulher de gabardine, «Sou casada. Tenho uma filha. Costumo viajar — Londres, Paris, Luxemburgo, Costa do Marfim. No Natal janto em família e na passagem de ano brindo.» Antecipou-se. Nada mal. Eu costumo empurrar as mulheres de gabardine a quem dou boleia. Só pensei, apenas gargalhava para dentro. «Eu sou viajante errante», disse «mais Homo habilis que Homo sapiens, entende?» Num outro silêncio novamente evidenciado pelo limpa pára-brisas, que soava, estranhamente soava, repito, como o pêndulo do relógio da casa dela, reparei que usava óculos de sol: uma mulher de gabardine à noite com óculos de sol sob um chapéu-de-chuva minúsculo junto a um cemitério — talvez um pouco mais que isto. «Ser sedentário é repugnante», desabafei. E a meio da frase houve um estrondo. A última palavra, «repugnante», nem chegou a nascer devido à explosão: tinha rebentado um pneu. O carro inclinou para um lado, os nossos corpos, em simultâneo, inclinaram para um lado. Inesperadamente ela agarra na minha mão e, pela primeira vez, olhamo-nos (sinceramente, não diria que naqueles olhos vira medo, angústia ou morte; uma felicidade recôndita (?), talvez). Encostei o carro na berma da auto-estrada. O pneu à noite, sob a chuva, desfeito. Deixei a chave na ignição, com o limpa-pára-brisas a ir e voltar num movimento constante, com a chuva a esfumar o visível, a estrada a desaparecer, e o limpa-pára-brisas, ou melhor, o pêndulo, sim, o pêndulo do relógio da casa dela para lá e para cá. Novamente a ir e voltar.

E eu sentado no sofá com as roupas quentes e secas do marido que ela fizera questão de me emprestar. A casa dela era quente. Confortável. A chuva trépida batia lá fora nas telhas e nas janelas. Aconcheguei-me, fiz de conta que a casa era minha sem ela sequer o ter aconselhado. «Amanhã — disse ela — quando a chuva abrandar, vais buscar o teu carro. Até lá ficas aqui, em minha casa, comigo». E, dito isto, começou a despir-se, não maquinalmente, mas de maneira lenta, voluptuosa. O marido e a filha provavelmente lá em cima a dormirem e ela a despir-se. Usava por baixo da gabardine uma camisola de malha

horrível. Em pé, dançando sob uma música chuvosa e atemporal, desapertou um botão, seguido de outro, e outro. Eu fechei os olhos — nessa noite, depois de o pneu ter rebentado saímos logo do carro. Segurei-lhe o chapéu-de-chuva e protegi-a com o meu braço por cima do ombro. «A minha casa fica já ali», disse ela. Seguimos a pé. Abri os olhos — estava nua, o corpo dela em cima do meu num movimento constante. A luz substituída pela excitação. Sinceramente, julguei que iria extinguir parte de mim. Como costume, iria ocorrer a trivial libertação do corpo, da consciência, abandonaria a certeza de ser uma ínfima peça mecânica de algo incerto. E, de facto, aconteceu, mas julgo que durou pouquíssimo — novamente o pêndulo, o raio do pêndulo do maldito relógio a não querer sair da minha cabeça, mas desta vez mais audível, o som do movimento a crescer em mim... Por detrás da mulher, num canto escuro da sala, lá estava ele: enorme, largo na base e estreito em cima, mais disforme que linear, mais verde e roxo que propriamente castanho. Ria-se de mim. «Deixa-me. Deixa-me». Sobrepus o som do pêndulo ao corpo feminino. Eis o meu erro — um caminho outrora bifurcado, agora justaposto. As horas e as vozes a contorcerem-se num túnel negro, fundo, minha alma a cair a pique...

— Casemos. Amanhã vou a tua casa. Mariana, amanhã peço permissão ao teu pai.

— O meu pai mata-te. Tem perícia no olho. Destreza no dedo. Ele mata-te.

— Foge, Gabriel. Agora.

— Estou numa cabine telefónica, no centro da cidade. Escrevi cartas, meu amor. Todos os dias. Mas o meu pai rasgava-as e batia-me. E eu voltava a escrever, todos os dias! Tenho malas comigo. Vem.

— Sim, aceito.

— Sim, aceito.

— Gabriel. Gabriel? Acorda. Acorda. Amor? Estou grávida.

— Helena. Diz: Pa-pá. Helena. Filha? Olha o pai. Diz: Pa-pá.

— Amanhã, a esta hora, estamos os três a acordar em Londres.

— Quero a Costa do Marfim. Cansei-me da Europa.

— Mariana, odeio esse relógio. Odeio o barulho.

— Foi a prenda de Natal da minha mãe. Não o posso deitar fora.

— É impossível conduzir com esta chuva...

— Helena? Helena! Mete o cinto e cala-te um pouco. Deixa o teu pai conduzir em paz. Está quieta. Gabriel?! Gabriel cuidado!

— Gabriel? Acorda. Consegues ouvir-me?

— Vou esperar. Prometo. Quando saíres do coma, quando saíres deste hospital. O doutor disse, o doutor disse que tens danos irreversíveis na memória, Gabriel... Que não te irias lembrar de mim quando, quando acordares... Cambada de estu-pores.

— Não desistirei de ti...

Empurrei-a. Um impulso: o corpo da mulher gravitou, tal como as vozes e o pêndulo. Ela caiu, o corpo com certeza embateu nalgum móvel porque ouviu-se um embate seco seguido de um lamento sofrido. Subitamente cresceu em mim uma estranha repulsa por aquela mulher, como se me quisesse prender, como se quisesse destruir por completo o sentido da minha existência. Queria abandonar aquela casa, onde estaria o meu carro? A mulher desajeitadamente levantou-se e ligou o candeeiro da sala. Tinha os olhos ungidos de dor. Eu olhava-a: iluminada e nua, caiu diante de mim (Credo. Quantas nódoas negras, quantas marcas não tinha pelo corpo?). «Gabriel?» (sim, julgo ter ouvido bem: *Gabriel*). Deu-me pena. Obviamente estava louca. Vesti-me. Queria e tinha de sair dali. Prendi o olhar nela por mais alguns instantes: algo importante no cenário: eu estava de pé, vestido, e ela estava nua, deitada no tapete. «Amanhã na morada da nossa filha», disse ela «Amanhã na morada da nossa filha». Lancei algumas notas para cima do sofá e aconselhei-a a ir ao médico o quanto antes. Depois abri a porta da rua e saí sem olhar para trás. Era de noite e chovia a potes.

